



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ-UFPI
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS-CSHNB
LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

KAYNAN RODRIGUES BORGES CHAVES

**A INVENÇÃO DO CANGAÇO: A CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DE LAMPIÃO E
MARIA BONITA ATRAVÉS DOS PERIÓDICOS CARIOCAS (1922-1938)**

Picos-PI

2025

KAYNAN RODRIGUES BORGES CHAVES

**A INVENÇÃO DO CANGAÇO: A CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DE LAMPIÃO E
MARIA BONITA ATRAVÉS DOS PERIÓDICOS CARIOCAS (1922-1938)**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em
História, da Universidade Federal do Piauí, como
requisito para obtenção do título de licenciado em
História.

Orientador: Prof. Dr. Ronyere Ferreira da Silva.

Picos-PI

2025

FICHA CATALOGRÁFICA
Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí
Biblioteca José Albano de Macêdo

C512i

Chaves, Kaynan Rodrigues Borges.

A invenção do cangaço: a construção discursiva de Lampião e Maria Bonita através dos periódicos cariocas (1922-1938) / Kaynan Rodrigues Borges Chaves – 2025.

57 f.

1 Arquivo em PDF.

Indexado no catálogo *online* da biblioteca José Albano de Macêdo, CSHNB.
Aberto a pesquisadores, com restrições da Biblioteca.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Piauí, Curso de Licenciatura em História, Picos, 2025.

“Orientador: Prof. Dr. Ronyere Ferreira da Silva”.

1. História - cangaço 2. Nordeste - Lampião e Maria Bonita. 3. Pesquisa em periódicos. I. Chaves, Kaynan Rodrigues Borges. II. Silva, Ronyere Ferreira da. III. Título.

CDD 981.3

Elaborada por Maria Leticia Cristina Alcântara Gomes
Bibliotecária CRB nº 03/1835

KAYNAN RODRIGUES BORGES CHAVES

**A INVENÇÃO DO CANGAÇO: A CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DE LAMPIÃO
E MARIA BONITA ATRAVÉS DOS PERIÓDICOS CARIOCAS (1922-1938)**

Monografia apresentada ao curso de
Licenciatura em História, da Universidade
Federal do Piauí, como requisito para obtenção
do título de licenciado em História.

Orientador: Prof. Dr. Ronyere Ferreira da
Silva.

Aprovado em: 04/07/2025

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **RONYERE FERREIRA DA SILVA**
Data: 04/07/2025 17:49:03-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Ronyere Ferreira – UFPI
Orientador

Documento assinado digitalmente
 **JOSE LINS DUARTE**
Data: 07/07/2025 08:57:30-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. José Lins Duarte – UFPI
Examinador

Documento assinado digitalmente
 **JULIO EDUARDO SOARES DE SA ALVARENGA**
Data: 07/07/2025 12:29:42-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Me. Júlio Eduardo Soares de Sá Alvarenga – UFPI
Examinador

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por sua presença constante em minha vida, guiando-me pelo caminho correto, dando-me fé e sabedoria para que, eu pudesse seguir em frente. Ao meu bom Deus, toda honra e glória.

Meu agradecimento mais que especial e com imensa gratidão, vai para meus pais, Antônio José Rodrigues Chaves e Maria Antônia Borges Chaves. Meus exemplos de força e dedicação, que sempre se esforçaram para oferecer uma boa educação a seus filhos. Nos momentos de fragilidade ao qual pensei em desistir, eles sempre me aconselharam e me estimularam para que não desistisse do curso. A vocês, meus pais, todo amor e gratidão deste filho que os amam tanto.

Agradeço também ao meu irmão, Kaique Rodrigues Borges Chaves, pelo apoio incondicional. Seus conselhos foram essenciais para que eu enfrentasse as barreiras e conseguisse concluir o curso. A você, todo o meu amor e carinho. A minha namorada, Maria Nayanny Neves Pessoa, agradeço pelo amor, paciência e apoio inabaláveis que fizeram toda a diferença nesta jornada.

Sou grato aos meus avós paternos e maternos, ao meu avô Elesbão Ferreira Chaves (in memória), que se faz presente mesmo na ausência física, onde a saudade é muito grande.

Agradeço também aos professores do curso de História da Universidade Federal do Piauí – CSHNB, por terem contribuído de forma significativa para a minha formação acadêmica. Um agradecimento especial ao meu professor e orientador, Ronyere Ferreira da Silva, por sua contribuição e paciência para com minhas dúvidas e erros ao longo da escrita.

Por fim, agradeço a todos que somaram na minha caminhada acadêmica.

RESUMO

Na primeira metade do século XX o cangaço ganhou destaque na imprensa brasileira, fato que contribuiu para a criação de imagens do Nordeste associadas à ignorância e à barbárie, representações essa que persiste na atualidade. Nesse processo, Lampião e Maria Bonita se tornaram símbolos do banditismo no sertão. Posto isso, o presente trabalho tem como objetivo identificar como eles foram discursivamente construídos, a partir de diversos textos e fotografias publicados nos periódicos do Rio de Janeiro, entre 1922 e 1938. Para tanto, busca-se compreender o que foi o “cangaço”, a partir de Frederico Pernambucano de Mello (2011), e como ocorreu a “invenção do Nordeste”, através dos estudos de Durval Muniz de Albuquerque Júnior (1999) e Leonardo Carneiro Ventura (2021). Para entender o que é “representação”, utiliza-se Roger Chartier (1991) e as questões de gênero e poder envolvidas nas representações de mulheres cangaceiras são analisadas a partir das contribuições de Michelle Perrot (2017).

Palavras-chave: Lampião; Maria Bonita; Cangaço; Nordeste.

ABSTRACT

In the first half of the 20th century, cangaço gained prominence in the Brazilian press, a fact that contributed to the creation of images of the Northeast associated with ignorance and barbarity, representations that persist today. In this process, Lampião and Maria Bonita became symbols of banditry in the backlands. Therefore, this work aims to identify how they were discursively constructed, based on several texts and photographs published in Rio de Janeiro newspapers, between 1922 and 1938. To this end, we seek to understand what “cangaço” was, based on Frederico Pernambucano de Mello (2011), and how the “invention of the Northeast” occurred, through the studies of Durval Muniz de Albuquerque Júnior (1999) and Leonardo Carneiro Ventura (2021). To understand what “representation” is, Roger Chartier (1991) is used and the issues of gender and power involved in the representations of female cangaceiros are analyzed based on the contributions of Michelle Perrot (2017).

Keywords: Lampião; Maria Bonita; Cangaço; Northeast.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Lampião e seu bando em posição de tiro, 1936.....	20
Figura 2: carro alegórico da escola de samba Imperatriz Leopoldinense, 2023.....	21
Figura 3: Jararaca na cadeia de Mossoró, 1927.....	25
Figura 4: Fiéis, curiosos e jornalistas cercando o túmulo de Jararaca no dia dos finados, 2016.	25
Figura 5: Lampião nas proximidades do Rio São Francisco no sertão nordestino, 1936.	27
Figura 6: Maria Bonita, Lampião e Benjamin Abrahão nas proximidades do Rio São Francisco, 1936.....	27
Figura 7: Corisco ao lado da companheira Dadá, nas proximidades do Rio São Francisco, 1936.	31
Figura 8: Cabeças cortadas, armas e objetos pessoais de Lampião, Maria Bonita e mais nove cangaceiros, 1938.....	33
Figura 9: fotografia de Lampião segurando um exemplar de O Globo, oferecida a Roberto Marinho em 1936, 1977.	36
Figura 10: matéria sobre a ação da polícia baiana contra Lampião e seu grupo, publicada no jornal A Noite em 1930.	39
Figura 11: trecho do Jornal do Brasil com matéria sobre Lampião, publicada em 1930.....	40
Figura 12: matéria sobre Lampião no jornal A Noite, publicada em 1936.....	42
Figura 13: Foto de Maria Bonita no jornal A Noite, publicada em 1938.....	44
Figura 14: matéria sobre a morte de Lampião e seu bando no Jornal do Brasil (1938).....	46
Figura 15: matéria sobre Maria Bonita no jornal O Globo, publicada em 1938.	48
Figura 16: matéria sobre a morte de Lampião no jornal A Noite (1938)	50
Figura 17: matéria sobre a morte de Lampião no jornal O Globo (1938).....	52
Figura 18: matéria sobre a morte de Lampião no Jornal do Brasil (1938).....	54

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. O CANGAÇO, LAMPIÃO E MARIA BONITA.....	18
2.1. O cangaço no século XX	18
2.2 A trajetória de Lampião e Maria Bonita	26
3. VIDA E MORTE DE LAMPIÃO E MARIA BONITA NOS PERIÓDICOS CARIOCAS	35
3.1 A vida de Lampião nos periódicos cariocas.....	35
3.2 A vida de Maria Bonita nos periódicos cariocas	41
3.3 A morte de Lampião e Maria Bonita nos periódicos cariocas.....	49
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	56
REFERÊNCIAS.....	57

1. INTRODUÇÃO

“Sertão” e “civilização” encontram-se em oposição na produção intelectual, política e artística brasileira há muito tempo. No século XIX os discursos e escritos de políticos e intelectuais brasileiros demonstravam a preocupação com a produção de uma nação civilizada aos moldes da Europa, onde o sertão estaria na contramão do processo civilizatório, devido ao distanciamento do modo de vida urbano e europeu e a forte presença de “mestiços” que eram associados aos estereótipos de barbárie e preguiça (Almeida, 2021, p. 02-03). Nesse contexto, o termo “Nordeste” aparece pela primeira vez ao final do século XIX, apenas como campo geográfico.

Até aquele período o país era dividido em Norte e Sul e o Nordeste é instituído como uma parte do Norte atingida pelas secas. No início do século XX os intelectuais começaram a se preocupar em dar sentido ao local, buscando construir características identitárias para a região. Para Flávio José Rocha (2021), a partir das duas primeiras décadas do século XX, a imagem do Nordeste começa a ser fabricada a partir de um jogo de interesses. De um lado havia a visão do Sul (centro político e cultural dos primeiros cinquenta anos de República) sobre a região e seus habitantes, expressada através das artes, dos escritos acadêmicos e dos meios de comunicação. Do outro havia as elites locais que utilizavam a imagem, de ignorância e miséria, para barganhar verbas públicas.

O sertanejo que a gente da cidade se acostumou a ver em jornais e livros é um indivíduo meio selvagem, faminto, esfarrapado, sujo, com um rosário de contas enormes, chapéu de couro e faca de ponta. Falso, preguiçoso, colérico e vingativo. [...] Bebe cachaça e furta como rato. Porém, como livros e jornais são feitos por cidadãos que nunca estiveram no interior, o tipo que apresentam é um produto literário (Ramos, 2014, p.20).

Ao longo do tempo novos elementos vão sendo mobilizados para sustentar a representação de incivilidade. “De todas as imagens criadas sobre o sertão e os sertanejos, a que mais marcou o universo da imprensa e dos imaginários na primeira metade do século XX, sem dúvida, foi a do cangaceiro” (Almeida, 2021, p. 05). O cangaço passou a ser utilizado como elemento de referência para caracterizar o sertão, estereotipado como região onde prevalece o mandonismo local, violência e defesa da honra. Foi o fenômeno do banditismo rural que teve na figura de Virgulino Ferreira da Silva (Lampião) a sua mais famosa expressão. Ele liderou o

principal grupo de cangaceiros que atuou no sertão nordestino no início do século XX e ao seu lado esteve sua companheira, Maria Gomes de Oliveira (Maria Bonita).

Uma mulher não podia entrar para o bando se não estivesse ligada a algum cangaceiro, no caso, maritalmente. Isso fazia parte das regras estabelecidas. Caso uma delas ficasse viúva, tinha, que procurar outro cangaceiro como companheiro, com urgência, pois não era permitido a ela ficar ali sozinha porque acabava se tornando um alvo fácil para a polícia volante, já que não tinha a proteção do cangaceiro (Pereira; Rêses, 2021, p. 64-65).

Como visto acima, a participação das mulheres nos grupos de cangaceiros estava condicionada aos homens. Maria Gomes é a primeira mulher do qual se tem registros no cangaço, mas não figurava nos meios de comunicação com a mesma intensidade de Lampião. Maria de Déa, como era conhecida em vida, aparecia como coadjuvante ao lado do marido nas matérias jornalísticas. Após sua morte ela ganha destaque e notoriedade na imprensa, tornando-se conhecida como Maria Bonita, sobretudo devido suas características físicas (Negreiros, 2018, local. 11). Isso ajuda a perceber as preocupações da época, o que as mulheres sertanejas representavam e as problemáticas em torno disso.

No sertão do século XX a vida das mulheres girava em torno do casamento e desde cedo elas aprendiam as tarefas domésticas, a vida consistia em trabalhar na roça e na casa ao lado dos pais e depois ao lado do marido. Com Maria Gomes não foi diferente, ela casou-se aos 16 anos com um sapateiro chamado Zé de Nenê, mas eles brigavam bastante, se separavam e depois dessas brigas ela costumava voltar para a casa dos pais. Em uma dessas temporadas na casa dos pais acabou conhecendo Lampião e posteriormente decidiu acompanhá-lo (Pereira; Rêses, 2021, p. 66). Por isso, segundo Adriana Negreiros (2018, local. 11), Maria Bonita assume um caráter transgressor, pois no período em que viveu as mulheres que separavam dos maridos eram vistas como indecentes.

Em contrapartida, apesar do banditismo social ser “um fenômeno universal, encontrado em todas as sociedades baseadas na agricultura (inclusive nas economias pastoris) compostas principalmente de camponeses e trabalhadores sem terras, governados, oprimidos e explorados por alguém” (Hobsbawm, 2015, p. 30). nas narrativas sobre o cangaço, produzidas no século XX, são silenciados os motivos históricos e sociais da sua existência. Para Renata Menezes (2021) o fenômeno é descrito pelos intelectuais e literatos da época como um movimento motivado pelo “instinto animalesco” dos seus adeptos, movidos pela vontade de matar e saquear.

Ou seja, o cangaço foi utilizado para reforçar a imagem do sertanejo como homem viril e violento, enquanto o espaço do sertão foi colocado como uma terra sem lei onde imperava o

perigo e o medo (Almeida, 2021, p. 04). Tendo em vista que a historiografia vem apontando que a imagem do Nordeste tem o banditismo e seus representantes como uma das suas principais características faz-se necessário investigar como as imagens dos cangaceiros foram historicamente construídas. Por isso, o objetivo deste trabalho é analisar as invenções discursivas sobre o cangaço, a partir das publicações de periódicos circulantes do Rio de Janeiro, entre 1922 e 1938.

“Lembremos que muitos dos jornalistas e vários dos colaboradores de suas folhas eram literatos, ou seja, faziam parte da elite intelectual e letrada da época e estavam dentro do sistema de poder” (Santos, 2020, p.37). Por essa razão este trabalho busca identificar como os jornalistas, intelectuais e artistas cariocas construíram discursivamente a imagem de Lampião e Maria Bonita. O recorte temporal está situado entre 1922 e 1938, vai do período em que Lampião iniciou no cangaço até a emboscada que culminou na morte do cangaceiro, de Maria Bonita e outros integrantes do seu bando. Para isso, são utilizados textos jornalísticos e imagens publicadas em três periódicos cariocas circulantes na época.

Jornais e revistas não têm o intuito apenas de manter a população informada, também proliferam ideias e formam a opinião pública (Menezes, 2021). São um meio de representação da realidade e estão vinculados a grupos sociais que disputam posição no campo político, econômico, social e simbólico. Por isso, foram escolhidos três periódicos de grande circulação no período para extrair os dados necessários para produção da pesquisa: *A Noite*, *O Globo* e *Jornal do Brasil*. Todos estão disponíveis na biblioteca digital da Fundação Biblioteca Nacional e foram escolhidos pois, conforme Larissa Vitória (2022), foram aqueles que, além de terem produzido vários textos sobre a vida de Lampião e Maria Bonita, foram os periódicos cariocas que deram destaque a morte do casal.

Segundo Marieta de Moraes Ferreira (1993, local. 01-02), *A Noite* era um periódico diário e vespertino. Foi fundado em 18 de junho de 1911 e extinto em 27 de dezembro de 1957. Surgiu devido o desentendimento entre Irineu Marinho e a direção do *Gazeta de Notícias*, fundado em 2 de agosto de 1875, onde era secretário-geral. Desde o início mostrou-se um período engajado com questões políticas, colocando-se no mercado como opositor ao recém-constituído governo de Marechal Hermes da Fonseca (1910-1914) e apoiador do grupo civilista derrotado que havia lançado a candidatura de Rui Barbosa à presidência da República.

No início de 1925, Irineu Marinho deixou a direção do jornal e fundou *O Globo*, junto com Herbert Moses e a Justo de Moraes. De acordo com Sérgio Montalvão (2015, local. 01), inicialmente, era um jornal vespertino e mais tarde tornou-se matutino. Apesar de ser instituído por um nome já conhecido na imprensa tinha como objetivo renovar os padrões dominantes na

imprensa carioca e defender as causas populares. No entanto, percebe-se que apesar dos jornais terem objetivos diferentes há o envolvimento dos mesmos nomes na formação dos meios de comunicação.

Já o *Jornal do Brasil* foi fundado em 9 de abril de 1891 por Rodolfo de Sousa Dantas e Joaquim Nabuco e extinto em julho de 2010. Segundo Francisco Wilton Moreira dos Santos (2020, p. 50) foi o primeiro jornal carioca a investir na mudança do tipo móvel para linotipo, em 1905. Depois de uma longa e complexa trajetória, em 1919, o jornal foi vendido para Pereira Carneiro. Para cristalizar seu prestígio o jornal buscava construir uma imagem de seriedade. Para isso houve forte investimento nas seções literária e artística, onde se destacavam várias colunas assinadas por membros da Academia Brasileira de Letras.

O processo metodológico está pautado nos estudos desenvolvidos por Tania Regina de Luca (2008, p. 141-142): a análise dos textos jornalísticos deve considerar os aspectos materiais e de organização do conteúdo, históricos e econômicos dos jornais. Além disso, jornais e revistas contam com elementos não-textuais e as fotografias são analisadas a partir das contribuições de Ana Maria Mauad (1996, p. 06-07), pois o que está impresso na fotografia não é a realidade pura e simples, fazendo-se necessário avaliar a natureza técnica das fotografias, como foram produzidas e como estão sendo consumidas.

O interesse pela temática não é novo, surgiu na minha infância através do meu pai e se prolongou pela minha juventude. Ele, amante de histórias sobre cangaceiros, sempre foi um grande consumidor de produtos sobre o tema. Os DVDs, mídias utilizadas para armazenamento de dados e bastante utilizada para distribuição de filmes, eram presenças constantes no meu cotidiano. Através deles diversas obras cinematográficas chegavam ao meu lar antes da popularização da internet.

Não pude deixar de notar como os filmes retratavam os mesmos sujeitos de formas diferentes. Se em uma obra Lampião, por exemplo, era retratado como um assassino impiedoso, em outras ele se assemelhava ao Robin Hood e roubava dos ricos para distribuir aos pobres. Ele podia ser ainda um homem de grandes paixões, um crápula violentador de mulheres ou mesmo um homem gentil e apaixonado pela esposa Maria Bonita. Ela, por sua vez, podia variar entre uma mulher que ousou romper com os padrões da época ou mera subserviente ao marido.

Ao ingressar na Universidade o interesse não desapareceu, tornou-se ainda mais forte. Decidi procurar textos sobre a temática para iniciar a pesquisa. Ao longo das leituras realizadas nas disciplinas, sobretudo de Brasil República I, notei que o Brasil foi pensado por diferentes sujeitos e a “nação” foi historicamente construída pela elite política e econômica do país. O sertão nordestino também é fruto de um processo de construção e é caracterizado a partir de

certos elementos reiterados ao longo do tempo. Assim, passei a tentar perceber o papel desempenhado pelos cangaceiros na imagem construída sobre a região.

As imagens de Lampião e Maria Bonita foram forjadas ao longo de determinado tempo e utilizadas para caracterizar o sertão e justificar críticas e ações do Estado na região. Enquanto isso, a captura e morte de ambos e seu bando representaram a naturalização da violência do Estado e das elites e como a tendência da “história oficial” é ser contada através da perspectiva dos vencedores, mecanismos de censura frequentemente são aplicados aos discursos que destoam do poder vigente para não abalar as narrativas imputadas (Menezes, 2021). Desse modo, este trabalho busca romper com perspectivas hegemônicas que ainda circulam na sociedade e justificam estereótipos e preconceitos.

Como aponta Adriana Negreiros (2018, local. 12), por exemplo, Maria de Déa não era uma mera cangaceira. Ela foi uma transgressora já que rompeu com seu primeiro marido para entrar no cangaço com Lampião em uma época que desfazer um casamento significava o fim da vida social de uma mulher. Nesse sentido, a pesquisa também é importante para o meio acadêmico, pois identifica como, discursivamente, foram construídas as diferenças entre homens e mulheres que compunham o cangaço.

Ao mesmo tempo, apresenta relevância social porque busca identificar como ocorre a marginalização das duas figuras e o silenciamento de determinados problemas que ainda existem na atualidade com o intuito de manter o poder de alguns grupos. Além disso, ajuda a repensar generalizações sobre o Nordeste e seus habitantes, cooperando para quebrar determinadas concepções negativas sobre o espaço e dar margem para que a sociodiversidade da região seja elemento característico da sua história.

Portanto, esmiuçar a representação do cangaço em diversos tipos textuais e imagens vinculados a periódicos cariocas circulantes no país, entre 1922 e 1938, exige percorrer uma trajetória de análise de escritos sobre o tema, identificar problemáticas em torno das fontes e examinar como eles são originados a partir de determinado período histórico. Logo, a pesquisa contribui para o meio historiográfico/científico e social, assim como pode subsidiar trabalhos posteriores sobre o tema.

Para compreender a forma como Lampião e Maria Bonita foram representados e discursivamente construídos ao longo do tempo é necessário entender que a própria imagem do Nordeste é fruto de um processo de construção. Por isso, este trabalho utiliza um referencial teórico e bibliográfico que busca identificar como surge e se consolida o banditismo e ao mesmo tempo procura perceber como ocorre a construção do sertão e dos cangaceiros, considerados elementos característicos desse espaço.

De início, o primeiro esforço deste trabalho é identificar o que é o “cangaço”, como/quando surge e como os indivíduos são incorporados aos grupos. Por esse motivo, os escritos de Frederico Pernambucano de Mello (2011), no livro *Guerreiros do Sol: violência e banditismo no Nordeste*, são utilizados como referência para percorrer a trajetória dos sujeitos que adentraram o movimento e os diversos motivos pelos quais foram levados ao banditismo. O autor ajuda ainda a compreender o cenário político e econômico do país e do sertão que conferiram ao local a singularidade do surgimento dos cangaceiros e os motivos que fizeram com que o cangaço se destacasse no país entre o final do século XIX e início do século XX.

Outrossim, na formação da imagem do Nordeste os cangaceiros ocuparam um papel de suma importância nas narrativas das elites. Para entender como isso ocorre utiliza-se as contribuições de Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2011). Através do livro *A invenção do Nordeste e outras artes* ele tece reflexões sobre os diversos interesses que culminaram na construção da imagem de um Nordeste bárbaro e pobre, onde o cangaço ocupava uma posição privilegiada para justificar as características utilizadas pelos discursos sobre o sertão.

É das contribuições do autor que se retira o conceito de “invenção”. Para o historiador, o “Nordeste” nasce por meio de um discurso do outro, sobretudo do Sul e dos seus intelectuais, que disputavam com os intelectuais do Norte a hegemonia do discurso histórico e sociológico. Logo, a imagem do cangaço também guarda relação com esse processo. O estudioso produz seu trabalho mediante diferentes fontes e elenca os elementos atribuídos ao sertão para caracterizá-lo, como é possível observar abaixo.

O cangaço e o messianismo, notadamente Canudos, participam decisivamente na construção da imagem do Nordeste para as populações do sul, devido à repercussão das reportagens de Euclides da Cunha sobre o movimento, publicadas em O Estado de S. Paulo. Na década de vinte, o fenômeno do Padre Cícero também reforça essa imagem de fanatismo e loucura religiosa, que o repórter Lourenço Filho, que descreve o que “vê” em várias reportagens em que as imagens e enunciados euclidianos surgem constantemente (Albuquerque Júnior, 2011, p. 60).

Em consonância, Leonardo Carneiro Ventura (2021) no livro *A trama dos sons: a invenção de um arquivo sonoro para o Nordeste (1910- 1950)*, estabelece diálogo com os autores anteriores e mapeia práticas discursivas oriundas do campo da imprensa, da literatura, dos estudos do folclore, da música e da poesia para identificar as formas sonoras que ajudaram a construir, no imaginário social, uma imagem de Nordeste. Além disso, busca pensar e problematizar a formação e escrita de nomes de literatos brasileiros que se lançaram no cenário nacional e escreveram sobre o sertão.

A literatura de José Lins do Rego, e de outros romancistas de 30, pensa as sonoridades como agentes narrativos, como pontos de amarração no roteiro imaginado para o Nordeste: o canto do bumba-meu-boi com letra preparada para “desfeitar” o vigário; os disparos dos rifles alarmando a chegada dos cangaceiros; o canto dos galos anunciando a madrugada; [...] os toques de corneta da volante marcando a partida para a caça aos bandoleiros... [...] Estas figuras sonoras assumem a tarefa de fixar uma identidade para o ser nordestino, definir um lugar que, além de estético, é político (Ventura, 2021, p.177).

Além dos textos e fotografias do cangaço, o historiador chama atenção aos sons emitidos pelos cangaceiros que são utilizados como barulhos particulares do sertão. Nesse contexto, o cangaço e seus ruídos são parte do espaço, tal como os sons dos pássaros e demais elementos da natureza. Apesar de não poderem ser revividos, nos textos, esses sons podem ser percebidos e analisados como parte de um discurso que buscava construir a imagem do Nordeste e, consequentemente, dos cangaceiros.

Para Roger Chartier (1991, p. 184), no texto *O mundo como representação*, as representações são diferentes dos sujeitos representados. Elas são a forma como os homens constroem e representam o mundo, como leem a sua realidade. Porém, grupos distintos podem representar o mesmo objeto de formas diferentes e por isso podem refletir relações de poder, dado que grupos hegemônicos podem buscar instituir suas visões de mundo como verdadeiras. Por isso é importante compreender que as representações construídas sobre o Nordeste e o cangaço produzem e são produzidas a partir das condições sociais, políticas e econômicas do período histórico no qual se originam e são atravessadas pelos valores dos seus construtores.

Segundo Vera Ferreira e Germana Gonçalves de Araújo (2011, local. 10), Maria Bonita foi a precursora na entrada das mulheres para o cangaço. Segundo elas a trajetória da cangaceira não acabou após sua morte, pois foi reapropriada por diversos artistas ao longo do tempo, que lhe deram vida através de vários tipos de obras. Para as autoras a vida e os feitos de Maria Bonita são ressignificados ao longo do tempo e sua imagem é marcada por diversas transformações que vão desde suas primeiras aparições ao lado de Lampião até a atualidade.

Outrossim, a pesquisa reconhece a necessidade de identificar as problemáticas em torno do papel atribuído a homens e mulheres ao longo do tempo, sobretudo no século XIX e XX. Nesse viés, através da obra *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*, adota-se as contribuições de Michelle Perrot (2017) sobre construção de gênero e história das mulheres. Na história, no passado e no presente, o poder está no centro das relações entre homens e mulheres. Para a historiadora francesa,

o século XIX acentua a racionalidade harmoniosa dessa divisão sexual. Cada sexo tem sua função, seus papéis, suas tarefas, seus espaços, seu lugar quase predeterminados, até em seus detalhes. [...] Mais tarde, no século XX, com a eletricidade e as “artes domésticas”, a dona de casa se tornará uma espécie de engenheira, comandando as máquinas de uma cozinha-fábrica (Perrot, 2017, local. 161).

Maria Bonita era o oposto daquilo que era esperado para as mulheres: largou o homem com quem era casada e ingressou no cangaço com Lampião, desafiando todas as normas vigentes. Essa postura e seu modo de vida eram representados pelos mais diversos textos difundidos pelos periódicos cariocas a partir das crenças e perspectivas daqueles que escrevem. Ao entender que era socialmente imposto aos homens e mulheres é possível identificar como Maria Bonita rompia com os padrões da época, era objetificada e enquadrada em estereótipos de gênero pelos textos vinculados aos jornais cariocas.

A história Maria Bonita e Lampião, segundo Francisco Santos (2020, p. 25), deve ser pensada a partir do contexto do final do século XIX e início do século XX, período em que houve um aumento significativo no número de grupos de cangaceiros no Nordeste. Esses bandos não eram compostos apenas por indivíduos pobres, mas também por pessoas oriundas de classes abastadas e fugitivos. Diante desse cenário, o trabalho está organizado em dois capítulos. O primeiro capítulo aborda o crescimento dos grupos de cangaceiros nesse período e analisa suas principais características, com o objetivo de compreender como Lampião e Maria Bonita se inseriram no banditismo e se tornaram ícones do cangaço.

O segundo capítulo, por sua vez, foca nas representações de Lampião e Maria Bonita, explorando como foram construídas ao longo do tempo, através de textos veiculados pelos periódicos cariocas. Investiga-se como a imagem dessas figuras foram produzidas por meio de textos e fotografias que circulavam pela sociedade brasileira e identifica os elementos utilizados para caracterizá-los. A pesquisa, assim, vai além de mapear os elementos que os caracterizam, propondo-se a compreender como essas figuras foram moldadas discursivamente e refletem os interesses, as transformações históricas e sociais do período em que viveram e foram mortos.

2. O CANGAÇO, LAMPIÃO E MARIA BONITA

A literatura sobre o cangaço propõe que a etimologia do termo está vinculada a imagem dos homens e mulheres que conduziam as armas de fogo que portavam de forma cruzada ou atravessada sobre o peito e costas, fazendo lembrar a canga colocada nos bois (Dutra, 2011, p.20). Apesar do movimento ganhar notoriedade no século XX, o termo não surgiu no período, pois no sertão do século XIX os sujeitos que vagavam portando armas, facas, chapéu de couro e cartucheiras de pele de onça já eram designados como indivíduos que “andavam debaixo do cangaço” (Queiroz, 1997, p. 15).

Porém, os cangaceiros do século XIX e do século XX não são os mesmos e não possuem os mesmos objetivos. Por isso, neste capítulo procura-se entender como esses grupos crescem a partir do final do século XIX e início do século XX e quais as suas características. Além disso, propõe identificar como Virgulino Ferreira da Silva (Lampião) e Maria Gomes de Oliveira (Maria Bonita) se inserem no banditismo e tornam-se símbolos do cangaço.

2.1. O cangaço no século XX

Para compreender o cangaço é preciso entender que o movimento deve ser analisado dentro de um contexto histórico, decorrente do processo evolutivo de formação do homem, da sociedade e da cultura sertaneja, não apenas como uma forma de banditismo rural (Santos, 2020, p. 25-26). O cangaço vai além de questões de terra (latifúndios) e do poder dos coronéis, apesar destas serem questões relevantes para analisá-lo. Para Adriana Negreiros (2018, local. 25) o sertanejo pobre não tinha escapatória, pois vivia sob dois tipos de violência não muito diferentes. De um lado havia as forças policiais, cujos métodos de tortura em nada deixavam a dever aos dos cangaceiros e do outro havia os bandos do cangaço formados por homens que agiam com brutalidade, perversidade e por vingança.

O cangaço existiu num período recheado de transições fundamentais: assistiu à passagem da Monarquia à República, viu nascer o processo de industrialização, teve seu auge nos anos 1920, viveu a crise de 1929, sobreviveu – por algum tempo – aos impactos da Revolução de 1930, quando finalmente entrou em colapso, no início dos anos 1940 (Lovatto, 2011, p. 295).

Ele se formou a partir de circunstâncias políticas, sociais, morais e religiosas. Para Maria Isaura Pereira de Queiroz (1997, p. 36), o termo “cangaço” passou a ser utilizado, no século XIX e XX, para denominar dois movimentos que ocorreram no atual Nordeste do Brasil, que

possuem semelhança, mas são diferentes: o “cangaço dependente” e o “cangaço independente”. O primeiro denomina os sujeitos que compunham grupos armados e se colocavam à serviço de um chefe político. Eles tinham moradia fixa e mesmo quando faziam viagens retornavam para as terras onde residiam.

Teriam surgido a partir do século XVII, quando o sertão começou a ser colonizado e os homens de posses recorriam a outros homens armados para formarem grupos para protegê-los de possíveis ataques indígenas e, após a fixação territorial, tais grupos passaram a defendê-los de inimigos políticos. O cangaço independente, por sua vez, caracterizou-se pela liberdade e pela itinerância dos seus adeptos, pois podiam formar alianças com coronéis, mas estas não formavam o objetivo principal.

Os bandos independentes viviam em constante luta contra as forças policiais até serem presos ou mortos, alcançando o seu auge entre os fins do século XIX e as primeiras quatro décadas do século XX, mas os primeiros registros de grupos com essas características são do século XVIII. Conforme Wescley Rodrigues Dutra (2011, p. 24) os expoentes máximos desse tipo de cangaço foram Antônio Silvino, Lampião e Corisco.

A abolição da escravatura em 1888 e a Proclamação da República em 1889, colocaram um contingente de homens livres, sem terras e sem trabalho, em disponibilidade, abalando a estrutura econômica do país, baseada no latifúndio. Estes homens, encontraram no banditismo uma forma de sobrevivência, seja como capangas (homens assalariados a serviço de um fazendeiro que formava seu exército privado), ou como cangaceiros (homens independentes que se organizavam em bandos sob a direção de um chefe prestigioso) (Vasconcelos, 2002, p. 324).

O cangaço pode ser entendido como um movimento que foi influenciado pelas condições do pós-abolição e pela Proclamação da República, mas também foi determinado pelos nordestinos que viviam nas regiões mais isoladas do semiárido e se revoltavam contra as exigências dos coronéis que detinham tanto poder que estavam acima até mesmo das autoridades locais (Santos, 2018, p. 05). A população sofria diversos tipos de violência, até mesmo quem deveria protegê-los agia com truculência diante dos sertanejos.

Paramentados de modo semelhante ao dos cangaceiros — calça e paletó de mescla azul-acinzentada, cartuchearas cruzadas no peito, punhal, chapéu de couro em formato de meia-lua —, os soldados de Pernambuco promoviam saques, incêndios e depredações e costumavam ser tão ou mais temidos do que os próprios bandoleiros. Quase todos os dias, os jornais baianos denunciavam os excessos da “polícia cangaceira”, como se referiam às volantes pernambucanas (Negreiros, 2018, local. 26).

O cenário era marcado pelas questões de poder. Elas eram evidenciadas por meio de ações violentas dos cangaceiros, da elite e das autoridades, mas também por meios simbólicos. Nesse sentido, a formação dos bandos de cangaceiros e a utilização de armas e balas em evidência, como as cruzadas no peito, serviam como elemento de representação da força desses sujeitos dentro do cenário de disputas em que estavam inseridos. Na fotografia abaixo é possível observar como a organização dos cangaceiros evidenciava o seu poderio.

Figura 1: Lampião e seu bando em posição de tiro, 1936.



Fonte: Coleção Instituto Moreira Salles.

Lampião tornou-se um dos maiores símbolos do cangaço, pois soube, entre outros aspectos, utilizar-se da imprensa para cristalizar-se no imaginário social (Hobsbawn, 2015, local. 67). No processo de constituição da imagem pública de Lampião, o aspecto de violência é reforçado por meio de práticas de terror e elementos que contribuíssem para a formação da sua identidade, como é possível observar na foto acima. Os homens de joelho com suas armas apontadas perpetuam uma imagem de combate e prontidão para o ataque contra os sujeitos e forças que tentassem contra o grupo, reforçando a ideia de poder desses sujeitos.

O movimento consolidado sob o nome de “cangaço” na virada do século XIX para o XX nos interiores do Nordeste brasileiro (nas áreas de agreste e sertão) é mais antigo que a sua nomenclatura, pois, em meados de 1700, José Gomes de Britton (Cabeleira) já vagava pelo sertão pernambucano com um bando que ele liderava. De acordo com Wesley Rodrigues Dutra (2011, p. 23), os detalhes dessa atuação são narrados por Franklin Távora no romance histórico *O Cabeleira*, de 1876. Viver sob o prisma da violência era algo a que os sertanejos vivenciavam desde, pelo menos, o fim do século XVIII.

Muito antes de sinhô Pereira, com quem Lampião iniciou sua carreira profissional de cangaceiro, outros fora da lei apavoraram a caatinga. O pernambucano José Gomes, o Cabeleira — cujo apelido serviria de título para o romance do escritor cearense Franklin Távora —, liderou um grupo de assassinos até ser condenado à forca. Lucas Evangelista dos Santos, o Lucas da Feira, que atuou na cidade baiana de Feira de Santana, teve o mesmo destino, em 1849. No fim do século XIX, o potiguar Jesuíno Alves de Melo Calado — Jesuíno Brilhante — espalhou sangue pelos rincões do Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco. Três décadas depois, o pernambucano Antônio Silvino, o Rifle de Ouro, cometeu diversas atrocidades no seu estado, além de Paraíba e Ceará (Negreiros, 2018, local. 25).

Quase um século após ter seu fim decretado o cangaço segue vivo na memória nacional e é destaque em produções artísticas e intelectuais, não só no Nordeste, mas em todo país (Sousa; Gonzo, 2023). No ano de 2023, por exemplo, a escola de samba Imperatriz Leopoldinense conquistou o título do carnaval carioca com um enredo sobre Lampião, como é possível observar na imagem abaixo.

Figura 2: carro alegórico da escola de samba Imperatriz Leopoldinense, 2023.



Fonte: Site de notícias *Brasil de Fato: uma visão popular do Brasil e do mundo*.

A escola produziu uma fábula sobre Lampião; conta que ao morrer o cangaceiro não foi aceito nem no inferno e nem no céu. Essa perspectiva foge do dualismo em que os cangaceiros geralmente são colocados: como heróis ou bandidos. O cangaço é um tema controverso, pois muitas teorias sobre ele são conflitantes, o movimento tem sido alvo de amor e ódio ao longo do tempo. Supõe-se que os bandoleiros faziam parte da população pobre, logo, defendiam esse povo. No entanto, as relações sociais no sertão eram complexas e nesse contexto também se desenvolvia o cangaço, não sendo apenas um movimento de reconstituição ou modificação da

ordem social vigente. O que se observou, em muitos momentos, foram complexas teias de relações entre cangaceiros e coronéis do período (Lovatto, 2011, p. 294).

Os momentos de instabilidades ocasionados pelas secas contribuíram para a proliferação do cangaço. Nos momentos de estiagem a vida no sertão ficava mais dura, principalmente para as famílias carentes. Esses momentos foram constantes no século XIX, tendo como exemplo as secas de 1825, 1832 e 1845, que causaram prejuízos à sua população e ao setor econômico do Ceará. É com a “Seca dos dois setes” que ocorre a difusão de imagens e notícias sobre ela e a temática das secas ganha destaque e mobiliza políticos, administradores e homens de ciência em torno do tema. Essa seca dá visibilidade ao Norte porque as elites decadentes pelo processo de estiagem apropriam-se desse discurso para angariar recursos governamentais para as chamadas “Províncias do Norte” e essas narrativas deram início à formação física-imagética do chamado “Nordeste” (Santos, 2020, p. 25-26).

Conforme Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2011, p. 154), a imagem do Nordeste é construída a partir do final do século XIX e ao longo do século XX por meio de discursos artísticos e políticos. Ele era, inicialmente, apenas uma parte da região Norte afetada pelas secas, fenômeno natural que foi utilizado pela elite sudestina que era o centro político do país e pelas elites locais que barganhavam recursos oriundos do Governo Federal, para caracterizar o território. Outrossim, essa característica climática ligada a determinados aspectos sociais passou a ser tomada como elemento definidor da região e do seu povo, como o cangaço que passou a ser relacionado à identidade nordestina. “O destaque dado ao cangaço só viria reforçar essa ideia do sertanejo como homem violento e do sertão como uma terra sem lei, submetido ao terror dos ‘bandidos e facínoras’” (Almeida, 2021, p.06).

Na primeira década do século XX as menções feitas ao cangaço ocupam lugar mais tímido nos jornais. Já na segunda metade da década de 1920 as ações dos cangaceiros ganham destaque, sendo referência em textos divulgados pelos periódicos da época, onde o Estado e seus oficiais passaram a ser julgados nos textos como incapazes de reprimir o banditismo (Santos, 2020, p. 136). A imprensa, principalmente no período de atuação de Lampião no cangaço, era tomada por um mix de revolta e admiração.

Ao mesmo tempo que narravam as “proezas” do bando, os jornais cobravam, nos editoriais, uma postura mais severa das autoridades para combater o banditismo rural. Afinal, Lampião tocava o terror havia uma década, sem jamais ter sofrido uma derrota. No sertão, atribuía-se a invencibilidade do homem ao sobrenatural. O bandoleiro só podia ter “corpo fechado” ou “sociedade com Satanás”, dizia-se nas mercearias, feiras e inferninhos do interior. A verdade, porém, era um tanto mais terrena: Lampião fazia e acontecia porque contava com a proteção de políticos, grandes coronéis e

modestos fazendeiros de parte do Nordeste brasileiro (Negreiros, 2018, local. 21).

Além disso, no início do século XIX, no Ceará, a população majoritariamente pobre e rural era concebida pela elite como vadia, ociosa, violenta e incapaz de trabalhar e por isso deveria subordinar-se aos poderosos. Por isso, era comum que muitos chefes locais estivessem rodeados de jagunços. Porém, a pobreza é apenas um dos vários motivos pelos quais alguém poderia entrar no cangaço. Muitos sujeitos conhecidos na história do cangaço provinham de famílias abastadas, como Jesuíno Brilhante e Antônio Silvino. Sinhô Pereira também era de origem “nobre” e vinha de uma família que era dona de latifúndios no Cariri Cearense. Ulisses Liberato é outro exemplo, pois cresceu e morou em São Paulo durante anos, além de ler e escrever em português, também falava relativamente bem inglês e francês (Santos, 2020, p. 26).

Como visto acima, o cangaço não pode ser analisado apenas como um movimento de oposição entre cangaceiros e coronéis, pois apesar dos embates, poderia haver alianças entre eles. Frederico Pernambucano de Mello (2011) auxilia no entendimento sobre as diversas nuances da atividade: os embates e as alianças entre cangaceiros, a população menos abastada da época e a elite do período. Para o estudioso existem “cangaços” dentro do cangaço, pois não existe uma única motivação para a entrada dos indivíduos aos grupos de cangaceiros. O escritor estabelece três tipos de cangaço: o cangaço meio de vida, o cangaço de vingança e o cangaço-refúgio.

A primeira forma caracterizava-se por um sentido nitidamente existencial na atuação dos que lhe deram vida. Foi a modalidade profissional do cangaço, que teve em Lampião e Antônio Silvino os seus representantes máximos. O segundo tipo encontra no finalismo da ação guerreira de seu representante, voltada toda ela para o objetivo da vingança, o traço definidor mais forte. [...] Na terceira forma, o cangaço figura como última instância de salvação para homens perseguidos. Representava um refúgio, um esconderijo, espécie de asilo nômade das caatingas (Pernambucano de Mello, 2011, p. 89).

É importante mencionar, conforme Francisco Wilton Moreira dos Santos (2020, p. 124), que Lampião era associado ao cangaço “meio de vida”, mas o cangaceiro buscava se ancorar na narrativa de vingança para justificar sua entrada no cangaço. Essa narrativa tem como fundamento os próprios valores da sociedade que tende a justificar as ações de determinados sujeitos que visam defender sua honra e da sua família. Assim, a perspectiva de Lampião sobre ele mesmo e a visão dos literatos, artistas e jornalistas sobre o cangaceiro tende a diferir em inúmeros aspectos. “Os cangaceiros – heróis para uns, bandidos para outros – reuniam-se em

grupos armados que aterrorizavam comunidades interioranas, saqueando, roubando, sequestrando, matando, extorquindo, estuprando, mutilando” (Rosado, 2021, p.14).

Conforme Adriana Negreiros (2018, local. 40), a população sertaneja era refém das situações envolvendo os cangaceiros e as autoridades. Eram utilizados de diversas formas por ambos e vítimas dos mais diversos tipos de ataques. Os coiteiros, pessoas que ajudavam os cangaceiros, dando-lhes abrigo e comida, cooperavam com os cangaceiros não apenas por lealdade, mas também por medo da morte. Ainda assim, mesmo cooperando fielmente com os bandoleiros, não estavam salvos da violência. Além disso, também eram vítimas das autoridades que utilizavam diversos tipos de tortura para obrigá-los a delatar os bandos. Nesse sentido, viam-se sem alternativas diante do cenário em que estavam expostos.

É importante compreender todos esses aspectos para entender que a emergência do cangaço não pode ser vista apenas pelo prisma da luta de classes, pois os cangaceiros não eram meros representantes dos anseios da população subjugada. Os bandos não eram exímios defensores da população pobre, mas suas imagens foram utilizadas ao longo do tempo, pelas populações do Nordeste, como símbolo de resistência ao mandonismo que prevalecia no local e afetava a região. Como exemplo, o autor cita que, em 1927, Lampião decidiu invadir Mossoró, município do Rio Grande do Norte, pois o prefeito do lugar (Coronel Rodolpho Fernandes) se negou a pagar um resgate no valor de 400 contos de réis (Rosado, 2021, p. 14-15).

Para realizar o ataque no dia 13 de junho, por volta das 16h00min, Lampião pediu reforço a outros grupos, incluindo o de José Leite de Santana, conhecido como Jararaca. Ele havia sido soldado do Exército e participado da Revolta Paulista de 1924. O ataque foi malsucedido e Lampião fugiu após intensa fuzilaria na qual morreram pelo menos três de seus cangaceiros. Jararaca também foi baleado no peito e na perna, escapou, mas acabou preso na manhã de 14, sendo executado entre 17 e 21 de junho. Na foto abaixo é possível vê-lo na cadeia, sua camisa está aberta para que seja possível visualizar o ferimento causado pela bala de fuzil.

Figura 3: Jararaca na cadeia de Mossoró, 1927.



Fonte: *Correio do Povo*, 26 de junho de 1927. Fotografia produzida por José Octávio.

Depois do erro estratégico no ataque a Mossoró, Lampião tomou a decisão de se mudar para a Bahia e lá inaugurou uma nova fase da sua vida. O cangaceiro passou a fazer do local uma estação de repouso, distribuía dinheiro ao povo e bebia despreocupado das perseguições da soldadesca da polícia (Negreiros, 2018, local. 21). Já Jararaca ganhou novos contornos. Para os mossoroenses, depois de morto o cangaceiro transformou-se em santo e faz milagres, os habitantes da região orgulham-se dele e se identificam com a bravura do seu herói. A “canonização” de Jararaca representa uma demonstração de resistência nascida em relações de poder difusas, onde a imagem do cangaceiro foi ressignificada ao longo do tempo e resiste até a atualidade, como é possível ver na fotografia abaixo.

Figura 4: Fiéis, curiosos e jornalistas cercando o túmulo de Jararaca no dia dos finados, 2016.



Fonte: acervo de Cid Augusto da Escóssia Rosado (2021).

Todos os anos, fiéis acendem velas no túmulo de Jararaca, no cemitério São Sebastião, onde está enterrado. O caso de Mossoró é emblemático, pois revela a ressignificação de um sujeito a partir de diversos meios. A mídia local, como jornais, revistas, emissoras de rádio, estações de TV e meios eletrônicos estimulam a circulação de material simbólico e contribuem para manter em evidência a memória do ataque e os “milagres” realizados por Jararaca. A população, enquanto isso, utiliza a imagem do cangaceiro como símbolo de resistência e meio pelo qual é possível alcançar milagres, concebendo-o como defensor dos oprimidos de diversos contextos, inclusive o social (Rosado, 2021, p. 17).

Logo, compreende-se que o cangaço é um movimento que existe desde meados do século XVIII no sertão e deve ser analisado em toda sua complexidade. Ele surge a partir do contexto histórico do país, marcado pela desigualdade social. No entanto, os cangaceiros não podem ser vistos como meros representantes dos anseios da população e devem ser analisados a partir das teias de poder em que estavam entrelaçados. Além disso, a imagem do cangaço foi utilizada para caracterizar negativamente a região Nordeste do Brasil, que ainda existe na atualidade, mas também vem sendo ressignificada pela população do local.

2.2 A trajetória de Lampião e Maria Bonita

Virgulino Ferreira da Silva, Lampião, nasceu no dia sete de julho de 1897 no sítio Passagem das Pedras, em Serra Talhada, sertão pernambucano. Na época, a comarca chamava-se Vila Bela. O lugar onde vivia pertencia ao pai de Virgulino, José Ferreira dos Santos, que por sua vez era descendente do clã dos “Feitosas”. Eles teriam saído de Inhamuns, sertão do Ceará, e foram para Pernambuco. O avô paterno de Virgulino, Antônio Alves Feitosa, instalou-se nas imediações do rio Pajeú, no Pernambuco, local onde constituiu família. O lado materno de Lampião era cearense. A sua mãe, Maria Vieira da Soledade, era filha de Paulo Lopes que teria saído do sertão de Jardins e fixado moradia no município de Vila Bela, em Pernambuco. Virgulino foi o terceiro de uma família de nove filhos (Clemente, 2020, p. 117). Abaixo é possível observar uma das fotografias do cangaceiro.

Figura 5: Lampião nas proximidades do Rio São Francisco no sertão nordestino, 1936.



Fonte: Acervo Instituto Moreira Salles.

Ao seu lado, em boa parte da sua trajetória no cangaço, esteve Maria Gomes de Oliveira, popularmente conhecida como Maria de Déa/Maria Bonita. Ela era filha do agricultor José Gomes de Oliveira, conhecido como Zé de Felipe, e Maria Joaquina Conceição de Oliveira, chamada de dona Déa. Ela nasceu no dia 17 de janeiro de 1910 e passou a ser conhecida como Maria de Déa em referência à mãe. Seus pais eram sertanejos simples e receberam pouca instrução escolar. Tiravam o sustento da família do plantio de milho, feijão e mandioca, além da criação de poucos e esqueléticos bodes, cabras e vacas. O casal teve doze filhos e mantinha todos com os alimentos que cultivavam e com os poucos animais que criavam (Negreiros, 2018, local. 14). Na fotografia seguinte é possível ver Lampião ao lado da companheira.

Figura 6: Maria Bonita, Lampião e Benjamin Abrahão nas proximidades do Rio São Francisco, 1936.



Fonte: Acervo Instituto Moreira Sales.

A família de Lampião também tinha recebido pouca instrução escolar. Seus pais não eram alfabetizados, situação comum no sertão do início do século XX. Para a família a educação tinha um sentido prático, onde aprendia-se as atividades cotidianas, tais como o trato com os animais e compra e venda de mantimentos. Ainda assim, Virgulino aprendeu ler, escrever e contar rudimentarmente com um professor particular. Aos dez anos teria passado a frequentar as aulas do professor Domingos Soriano de Souza e apresentava bom desenvolvimento nas aulas (Clemente, 2020, p. 117).

No período, ler, escrever e contar eram códigos de diferenciação social, pois eram inacessíveis à grandes contingentes da população e os conhecimentos adquiridos por ele foram utilizados em diversas atividades dentro do cangaço. Eram importantes para a leitura de jornais e escritas de bilhetes. Além disso, serviam como código de distinção e hierarquia no interior do bando e diante de coronéis. Virgulino Ferreira da Silva é o representante mais emblemático do cangaço justamente por saber utilizar os conhecimentos adquiridos ao longo da sua trajetória. Se tornou chefe de cangaço por volta de 1920 e reinou absoluto até 1938 quando, junto com Maria Gomes, sua companheira, morreu em Angico, sertão de Sergipe.

Em 1940 ocorreu a morte do Cristino Gomes da Silva Cleto, Corisco, o cangaceiro intitulado “vingador de Lampião” encerrando o ciclo geral do cangaço. No entanto, no campo da memória coletiva é Lampião que figura como protótipo dos cangaceiros, eclipsando, os demais cangaceiros do seu tempo. Para Marcos Edilson de Araújo Clemente (2007, p. 02), a figura de Lampião ganhou destaque, pois soube utilizar o que aprendeu ao longo do tempo dentro do bando, tornando-se um líder que soube construir, quando teve oportunidade, uma relação com jornalistas e fotógrafos da época, o que lhe rendeu algumas imagens favoráveis.

Virgulino entrou para o cangaço em 1916, aos 19 anos de idade. Não era, no entanto, um bandido profissional. Podia ser caracterizado como cangaceiro pelas armas que passou a conduzir e pelas questões de família em que estava envolvido, mas era um cangaceiro “manso”, entrando nas lutas em função de demandas familiares. A causa imediata do seu ingresso no cangaço teria sido a desavença com um fazendeiro vizinho da família Ferreira, José Alves de Barros, conhecido como José Saturnino. Saturnino pertencia à família Nogueira, tradicional aliada de outra poderosa família, a dos Carvalhos; enquanto a família Ferreira era aliada aos Pereiras (Clemente, 2020, p. 118-119).

Virgulino ingressou no grupo de Sebastião Pereira, conhecido como Sinhô Pereira, que aceitou a entrada dele no bando, pois era amigo de José Ferreira e conhecia todos os seus filhos desde que eram crianças. Além disso, existiam relações de apadrinhamento entre as duas famílias, portanto, estavam ligados também pelos rituais religiosos. Enquanto esteve com Sinhô

Pereira, até então o cangaceiro mais temido do sertão, Virgulino era obediente e seguia as ordens do líder. Em 1922 Sinhô se aposentou, seguindo os conselhos de padre Cícero, e passou o seu cargo no grupo para Lampião, dizendo no futuro que o pupilo havia sido o homem mais valente que já conheceu (Negreiros, 2018, local. 20). O seu preparo começou a ser testado antes de assumir o grupo e estava no cangaço há quatro anos quando ficou encarregado da missão de chefiar, pela primeira vez, o bando de Sinhô Pereira (Santos, 2020, p. 79).

No dia 18 de maio de 1921, na cidade de Mata Grande, faleceu José Ferreira, pai de Virgulino. A averiguação policial comandada pelo sargento José Lucena, da polícia de Alagoas, afirmou que na casa onde ele faleceu foram encontrados objetos roubados dias antes no assalto à cidade de Pariconha, realizado pelos irmãos Ferreira, associados ao grupo do cangaceiro Antônio Porcino, famoso chefe de cangaço do sertão das Alagoas (Clemente, 2020). No entanto, a versão de Lampião sobre o ocorrido difere do apontado. Em entrevista concedida ao médico e repórter Otacílio Macedo, publicada no jornal *O Ceará* de 16 de março de 1926, seu pai havia sido assassinado na cidade de Água Branca, em Alagoas, encomendado pelas famílias Nogueira e Saturnino, do município pernambucano de Vila Bela, atual Serra Talhada, sua terra natal (Negreiros, 2018, local. 20).

Para Lampião, essa teria sido a motivação para sua entrada no cangaço, queria vingar o seu pai e a origem da inimizade entre as famílias teria sido motivada pela disputa de animais e chocalhos (acessório que tinha valor elevado e conferia ao proprietário certo status de riqueza). Essa versão da sua história foi utilizada até o final da sua vida, mas não se sustenta e foi concebida para construir uma imagem pública associada à coragem, à valentia e ao acerto de contas. Para Frederico Pernambucano de Mello (2011, p. 88-89), os cangaceiros se cercavam de questões éticas para justificar os seus crimes, o que o autor chamou de “escudo ético”. Nesse sentido, a história de vingança da morte do pai, utilizada por Virgulino, era utilizada para justificar suas atitudes dentro do cangaço.

Ele não era o único a utilizar essa narrativa para justificar suas ações, Sinhô Pereira e Jesuíno Brilhante também tinham em comum a justificativa de que assumiram a vida no cangaço para empreender vingança contra seus inimigos. Nas entrevistas concedidas aos jornais, segundo Nadja Claudinale da Costa Claudino (2017, p.41), Lampião constrói o seu heroísmo e conta com fatalismo as injustiças que julgava ter sofrido, motivo pelo qual havia ingressado no banditismo. Fazia questão de demonstrar pouca confiança na justiça, desconfiança que era generalizada no sertão do século XX e dava força à sua narrativa, pois a vingança se tornava algo esperado pela comunidade sertaneja. Ainda assim, a forma como se

apresentava e falava sobre seus posicionamentos contribuiu para a forma como o homem do sertão foi constituído e representado ao longo do tempo pelos periódicos.

Entre os vários elementos que colocam Lampião como uma figura de destaque no cangaço, a inserção das mulheres no movimento também merece destaque, pois perpassa sua trajetória. Casada desde os quinze com um primo seis anos mais velho, o sapateiro José Miguel da Silva, a jovem Maria de Déa enfrentava uma crise conjugal quando conheceu Lampião, largou o marido e decidiu entrar para o cangaço. Durante o ano de 1929 Virgulino interrompeu suas incursões pelo sertão para visitá-la com regularidade (Negreiros, 2018, local. 12). Homens do cangaço como Sinhô Pereira e Antônio Silvino não permitiam a entrada de mulheres nos grupos, por diversos motivos.

Por muito tempo, no mundo do cangaço, foram proibidas as relações com mulheres, pois era crença que elas tinham a sutil capacidade de retirar a força, masculinidade e virilidade dos cangaceiros, tornando-os fracos e meio afeminados. Elas seriam, assim, portadoras da decadência, sendo que o coração do cangaceiro não seria lugar para o amor fincar raízes. Para Sinhô Pereira, a única mulher a ser realmente respeitada e amada sem medidas era a mãe (Dutra, 2011, p. 132).

A década de 1930 foi um marco importante para o cangaço, pois foi o momento em que as narrativas sobre a mulher cangaceira vão parecer nos jornais, quando Maria Gomes de Oliveira, a Maria Bonita, passa a viver com Lampião no grupo que ele liderava. Depois dele outros cangaceiros fizeram o mesmo e com a inserção das mulheres no espaço, que antes era predominantemente masculino, o cangaço precisou se reinventar. A vida delas no cangaço não era fácil e assim como os homens tinham que carregar todos os seus pertences, tinham de lidar com a gravidez e com o parto. As crianças não podiam ficar no acampamento, pois o choro denunciava o esconderijo e não podiam ser carregadas por longas caminhadas. Assim, eram deixadas com pessoas de confiança para serem criadas (Santos, 2020, p. 43).

Maria Gomes seguiu os passos de Lampião por vontade própria. No entanto, não foi a única cangaceira da história a ter destaque. Dadá, companheira de Corisco (do bando de Lampião), até a atualidade aguça a curiosidade da sociedade e tem gerado diversos trabalhos artísticos sobre sua vida. Ao contrário de Maria Bonita, não entrou no bando por vontade própria, foi raptada pelo seu companheiro como forma de vingança contra o pai dela. Como cangaceira se destacou pela postura frente aos trabalhos, portando armas grandes e participando de tiroteios, coisa que não era frequente para as outras mulheres (Negreiros, 2018, local. 66). As mulheres, no período, tendiam a se juntar muito jovens aos cangaceiros. No caso de Dadá, ela apenas 12 anos quando foi raptada. Na fotografia abaixo é possível vê-la.

Figura 7: Corisco ao lado da companheira Dadá, nas proximidades do Rio São Francisco, 1936.



Fonte: Acervo Instituto Moreira Sales.

É possível observar, nas fotografias anteriores, a preocupação dos cangaceiros com a vinculação de uma imagem respeitável, que insistia na ideia de uma célula familiar, questão que era prezada pela cultura sertaneja, tendo em vista os valores da época. Observa-se as mulheres ao lado dos companheiros e até mesmo ao centro dos homens, como ocorre na fotografia de Maria Bonita, Lampião e Benjamin Abrahão. Observa-se também a preocupação com as vestimentas, uma vez que os adornos eram indispensáveis para os cangaceiros e transmitiam uma noção de força. Eles não apareciam como flagelados, mas sujeitos que haviam se constituído e vencido dentro do sistema no qual estavam inseridos.

Nos sertões do São Francisco, o cangaço inaugurou um padrão de vida bem acima do apresentado pela maioria da população. Cangaceiros extorquiam sertanejos e fazendeiros, tornaram-se ricos, poderosos e vaidosos. A indumentária refletia isto. Vistosos chapéus de couro adornados com estrelas, abas viradas à moda Napoleão; testeira com moedas de ouro; uniformes de alvorada grossa; óculos escuros, lenços, anéis e para alguns, dentes de ouro; perneira de couro enfeitada, própria para o devassamento da caatinga; alças de cantis, cartucheiras e bornais decorados (Clemente, 2020, p. 128).

Por meio dos relatos de Dadá é possível perceber como as questões relativas à aparência eram importantes para Maria Gomes que costumava preocupar-se com suas vestimentas e acessórios utilizadas. Além disso, por ser esposa de Lampião, gozava de respeito e autoridade dentro do grupo até mesmo entre os homens. Ainda assim, a alcunha de “Maria Bonita” nunca foi conhecida pelo bando no qual esteve inserida. Duas hipóteses foram formuladas sobre a nomenclatura e nenhuma delas aponta que o apelido havia chegado ao bando. Logo, Maria havia morrido sem conhecer como veio a ser chamada.

A primeira, defendida por Pernambucano de Mello, acredita que o epíteto surgiu nas redações dos jornais do Rio de Janeiro antes da chacina de Angico, onde Lampião e Maria Gomes foram mortos. Entre si, os jornalistas tratariam a mulher do capitão com o nome da personagem-título do romance de Afrânio Peixoto, pois ambas eram belas, viviam no sertão da Bahia e se chamavam Maria. A segunda, elaborada pelo economista Luiz Ruben F. de A. Bonfim, assegura que o nome surgiu no próprio dia 28 de julho entre soldados e autoridades, presentes em Piranhas no dia da chacina, que ficaram impressionados com a beleza da cangaceira morta (Negreiros, 2018, local. 181). A segunda versão argumenta que não existe, na imprensa ou em documentos oficiais, nenhum registro prévio de Maria de Déa como “Maria Bonita”.

O que se pode ser assegurado é que a entrada das mulheres no cangaço deu nova roupagem ao movimento e um ingrediente novo pulsou nas caatingas, pois significou um toque de ternura àquela vida nômade. Além disso, apontou para uma ligeira diminuição da violência dos bandos, pois algumas vezes as mulheres intercediam pedindo para que vidas fossem poupadas (Santos, 2020, p. 43). Tendo em vista o contexto da época, estupros não eram incomuns e eram cometidos tanto por cangaceiros como por autoridades. No entanto, quando os cangaceiros estavam acompanhados por suas esposas em determinados locais, pairava sobre os espaços uma aura de maior tranquilidade, pois acompanhados delas o número de violências cometidas pelos bandos tendia a diminuir e isso afetava positivamente outras mulheres que estavam sujeitas aos ataques masculinos (Negreiros, 2018, local. 39-40).

As mulheres que ingressavam no cangaço não eram condizentes com o modelo de feminilidade esperado no século XIX e XX. Conforme Michele Perrot (2017, local. 26) no século XIX havia uma clara divisão entre as funções masculinas e femininas. O século XX, marcado pela invenção de diversas máquinas utilizadas na cozinha, reforça o caráter de “dona do lar” das mulheres. A função delas consistia em cuidar da casa e dos filhos, enquanto aos homens competia a vida pública. Nesse sentido, o cangaço era um espaço de transgressão de costumes e hábitos, onde as mulheres assumiam funções que não eram permitidas ao sexo feminino na sociedade do século XX. Isso marca a particularidade dessas mulheres que ousaram se contrapor ao que era esperado para elas.

No começo dos anos 1920, os ventos da chamada primeira onda feminista começavam a soprar nos grandes centros urbanos do Brasil, mas demorariam a chegar ao sertão nordestino. Maria de Déa era, portanto, em quaisquer circunstâncias, uma mulher de comportamento transgressor. De uma senhora casada, ainda que insatisfeita com o relacionamento, esperava-se nada além de cega obediência ao marido. Mesmo no Rio de Janeiro — onde fora fundada,

em 1922, a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino — a subserviência, a ausência de ambição e a dedicação à vida doméstica eram valores abertamente associados às mulheres (Negreiros, 2018, local. 17).

No ano de 1931 a imprensa noticiava que o grupo de Lampião era composto por 49 homens e 14 mulheres. As mulheres usavam “culotes e chapéus à Tom Mix”, uma referência à indumentária dos cowboys presente nas telas de cinema e revistas de faroestes norte-americanos, e nas longas caminhadas pelas caatingas encarregam-se da condução de fuzis e cartuchos. Cita ainda mulheres em período de gestação. Essa é a descrição das mulheres do cangaço que vai permear o imaginário social e será complementada na campanha fotográfica realizada por Benjamin Abrahão, com suas fotografias e seu filme e, ainda mais tarde, nas notícias da morte e decapitação de Maria Bonita (Santos, 2020, p. 44).

Lampião e Maria Bonita foram mortos em Angicos, Sergipe, no dia 28 de julho de 1938. Com eles foram mortos mais 09 cangaceiros, após 20 anos de perseguições (Clemente, 2020, p. 130). Os jornais do país cobriram o caso e noticiavam o fim do “capitão do sertão”. Telegramas são então enviados, noticiando o feito das forças volantes alagoanas lideradas pelo Tenente João Bezerra e ocorre uma espécie de celebração macabra onde se mistura a euforia da notícia da morte do célebre bandido, com uma legitimação da violência do estado. A morte dos cangaceiros foi marcada pela violência, as cabeças foram decapitadas e expostas junto aos pertences dos integrantes do bando como símbolo de vitória sobre eles (Santos, 2020, p. 45). Abaixo é possível observar as cabeças dos cangaceiros mortos.

Figura 8: Cabeças cortadas, armas e objetos pessoais de Lampião, Maria Bonita e mais nove cangaceiros, 1938.



Fonte: Acervo Instituto Moreira Sales.

Conforme Clemente (2007, p. 05) a organização dos materiais e das cabeças parece ter sido forjada para mostrar a solidão de Lampião, isolado no plano mais baixo da hierarquia da

foto, longe de Maria Bonita e abaixo dos demais cangaceiros. A ordem de apresentação do escalão quebra a hierarquia que tiveram em vida e reforça que Lampião já não tem domínio sobre seu bando. Além disso, rompe com a imagem à época já lendária do casal Lampião e Maria Bonita, pois esta não aparece ao seu lado. Os pertences não são identificados, ignorando a subjetividade dos mortos, mas identificam o espólio material do cangaço. A autoria da imagem não é identificada e os mortos são colocados em ordem numérica. Por fim é possível ver a seguinte data: 28 de julho de 1938 (quando Lampião foi morto).

A cena em que tudo havia acontecido também revelava a violência do acontecido. Os oficiais pegaram joias e uma fortuna em dinheiro (cuja verdadeira quantia seria para sempre um mistério) e duas caixas repletas de cartas trocadas entre o cangaceiro e coronéis e políticos influentes do Nordeste dos bornais e na barraca de Maria e Lampião. Os corpos decapitados dos bandoleiros foram deixados ao relento, para os urubus. O de Maria, em um ato de violência física e simbólica, foi abandonado com as pernas abertas e um pedaço de madeira enfiado na vagina (Negreiros, 2018, local. 178). Enquanto isso, na imprensa, a imagem que será disseminada é a do cangaceiro cruel, ameaçador da ordem, da honra, dos lares e da moral sertaneja (Santos, 2020).

Portanto, Lampião e Maria Bonita foram forjados no contexto sócio-histórico do sertão brasileiro e se destacaram ao longo do tempo no cangaço devido suas particularidades. Lampião soube utilizar a imprensa a seu favor, criando uma imagem pública condizente com seus interesses, mas a imprensa não se resumia ao que era dito por ele. Após sua morte o caráter do cangaceiro foi moldado para que as autoridades fossem vistas de forma positiva, como aqueles que teriam acabado a violência dos cangaceiros. Maria Bonita, enquanto isso, foi uma mulher transgressora e teve sua imagem construída, sobretudo, após sua morte.

3. VIDA E MORTE DE LAMPIÃO E MARIA BONITA NOS PERIÓDICOS CARIOCAS

Este capítulo explora as representações de Lampião e Maria Bonita, analisando como essas figuras foram construídas ao longo do tempo por meio de textos e fotografias publicados em periódicos cariocas. A investigação busca compreender como suas imagens foram produzidas e identificar os elementos utilizados para caracterizá-los. Para abranger os dezesseis anos de produções sobre Lampião e Maria Bonita nos jornais *A Noite*, *O Globo* e *Jornal do Brasil*, o capítulo está estruturado em três partes.

A primeira foca na construção da representação de Lampião nos periódicos citados. A segunda parte analisa a construção narrativa e imagética de Maria Bonita, enquanto a terceira examina como ambos foram retratados após suas mortes. Essa organização segue o que é proposto por Negreiros (2018, local. 181), que destaca diferenças na forma como os dois cangaceiros foram discursivamente caracterizados em vida e após a morte, questão que faz ser essencial compreender as particularidades de cada um deles.

3.1 A vida de Lampião nos periódicos cariocas

Durante quase três décadas, Lampião vagou pelo sertão nordestino com seu bando, realizando ações que o tornaram uma figura célebre, fama essa amplificada tanto pelo fracasso das expedições organizadas para capturá-lo quanto pelas recompensas oferecidas por sua morte. No entanto, conforme Anunciação et. al., (2019, p. 05), a imagem de bandido não era a única que carregava: para muitos, ele era um herói. Em 1931, por exemplo, o jornal *New York Times* chegou a apresentá-lo como o *Robin Hood* da caatinga, aquele que roubava dos ricos para dar aos pobres.

A imprensa teve papel central na construção das memórias sobre Lampião, uma vez que o jornalismo acompanhou de perto o desenvolvimento do cangaço. Desde os primeiros bandos, os jornais procuravam relatar o fenômeno, impulsionados pela curiosidade do público e pelo retorno financeiro que a temática proporcionava. Apesar do discurso de imparcialidade, a cobertura não escapava das influências ideológicas de cada veículo, o que impactava diretamente a forma como Lampião era retratado (Claudino, 2017, p. 25). Assim, as representações do cangaceiro revelam aspectos das visões de mundo dos que escreviam.

Ademais, Lampião se destacava entre os cangaceiros não apenas por sua liderança, mas também por suas habilidades intelectuais. Embora tivesse estudado pouco, sabia ler, escrever e contar, algo raro em um contexto em que o acesso à educação era privilégio da elite (Clemente,

2020, p. 117). Esse traço distintivo foi explorado pela imprensa em diferentes momentos e, na década de 1970, *O Globo* publicou uma fotografia de Lampião, da década de 1930, segurando o jornal. Ele gostava de saber o que diziam sobre ele nos jornais e aceitava ser fotografado em poses que mostrassem uma imagem mais positiva ou de liderança, não só como um fora da lei brutal (Clemente, 2007, p.02), como é possível ver abaixo.

Figura 9: fotografia de Lampião segurando um exemplar de *O Globo*, oferecida a Roberto Marinho em 1936, 1977.

Definem-se as últimas vagas do Brasileiro

Entre os 19 jogos de hoje, dois são os mais curiosos definidos a classificação para as semifinais e América precisa vencer o São Paulo por mais de um gol de diferença no Maracanã e o Vasco depende da vitória por qualquer marcador sobre o Botafogo, em São Januário. No mesmo grupo da América, o Internacional de Porto Alegre, campeão brasileiro, terá por três pontos contra o Corinthians, em São Paulo. Outros, em São Paulo, o Palmeiras derrotou o Bahia por 1 a 0. Ambos já estavam classificados. O técnico da seleção brasileira, Cláudio Coutinho, assiste ao jogo e elogia o atacante Jorginho Mendonça, do Palmeiras, que considerou o melhor jogador em campo, mas em antecipar sua convocação para os amistosos em 78. (Páginas 49 e 54)

Eufórico o etíope, o Presidente Sadat confirma que receberá Begin no Egito

Encontro com Begin terá resultados concretos, diz Sadat

O Presidente do Egito, Anwar Sadat, anunciou ontem que sua próxima reunião com o Primeiro-Ministro israelense Menachem Begin "certamente terá resultados concretos e representará um novo grande passo" para um acordo de paz global no Oriente Médio. A reunião deverá ter lugar na cidade egípcia de Ismailia, possivelmente na quarta-feira, após o regresso de Begin de Washington. O Premier israelense voltou a encontrá-lo ontem com o Presidente Jimmy Carter, depois da conversa que este manteve por telefone com Sadat para lhe dar detalhes das propostas de Israel. Sadat, que disse acreditar agora numa "paz definitiva e justa, maior que um simples acordo de não-agressão", rejeitou possíveis negociações com a Síria, mas se manifestou disposto a retomar os contatos com a Organização de Libertação da Palestina (OLP). (Página 48)

Uma indústria rendosa: a do empréstimo

"Emprestar sem falar", "falar sem emprestar", "tragar um colega e ganhar um prêmio": os anúncios, os anúncios, os empréstimos e os empréstimos — que em grande maioria acabam arrojados por eles — oferecem vantagens que, com o passar dos meses — e dos juros — se transformam em verdadeiras armadilhas. Diante da repetição repetida dos seus vícios, há que o desconto das prestações é feito em folha, eles acabam recorrendo à solução inicial para resolver o problema: um novo empréstimo. E a situação enfia na terra insustentável? (Página 28)

Família de Carmem quer a exumação

A própria família de Carmem Dolores Da Luz Torres vai pedir a exumação do seu corpo, "independentemente do que concluírem os laudos periciais" ora em execução. A informação foi dada ontem pela irmã de Carmem, Antônia, para quem qualquer conclusão que não seja a de "homocídio" será fatal: ela acha, com base nas investigações que fez, que foi o engenheiro Lado Roberto Bessavento quem matou Carmem. "Se contrário, seu advogado não precisaria tentar subornar o polícia que investiga e caso para que este sustentasse a tese do suicídio". (P. 29)

Sector têxtil exportou mais 25%

As análises do comportamento da indústria têxtil em 1977, o diretor do Grupo Molino Santista, Armando Luis Vianini, afirmou que se o crescimento não foi significativo, pelo menos o setor provou que está bem estruturado a ponto de ter suportado "críticas situações de aperto econômico". O empresário disse que as exportações aumentaram em ... US\$ 200 milhões com um aumento de 25% em relação ao período anterior, quando foram vendidas para o exterior US\$ 397 milhões. (P. 28)

ANO LIII - Rio de Janeiro, domingo, 18 de dezembro de 1977 - Nº 16.133

O GLOBO

FUNDAÇÃO DE IRINEU MARINHO

Diretor-Editor: DR. ROBERTO MARINHO

Gerente-Administrativo: RICARDO MARINHO

Gerente-Comercial: ROBERTO MARINHO

Cr\$ 4,00

Presidente de Chipre aceita morte do filho

O Presidente de Chipre Spyros Kyprianou declarou ontem estar disposto a sacrificar seu filho Achille, "mas nunca o país", referindo-se ao filho do Presidente em troca de salvamento. O terrorista, que há dois dias sequestrou Achille, tenente da Guarda Nacional. Funcionários do Governo disseram acreditar que se negocie...

...doro, que deram um prazo até as 15 horas de ontem (17 horas de Brasília) para que suas exigências sejam atendidas. Segundo o filho do Presidente em troca de salvamento. O terrorista, que há dois dias sequestrou Achille, tenente da Guarda Nacional. Funcionários do Governo disseram acreditar que se negocie...

NESTA EDIÇÃO / EXCLUSIVO

Como estaria o mundo se Kennedy tivesse escapado?

Como estaria hoje os Estados Unidos e o mundo se Lee Harvey Oswald, acusado do assassinato do Presidente John F. Kennedy, tivesse escapado e não negociado com os terroristas da Baía? que há dois dias sequestrou Achille, tenente da Guarda Nacional. Funcionários do Governo disseram acreditar que se negocie...

Placebo: a droga fictícia que cura por auto-sugestão

Recentes pesquisas médicas sobre o placebo numa "droga fictícia" ou um medicamento inerte ministrado em fins sugestivos ou meros indícios que esse tratamento pode ser tão ou mais efetivo do que o real, com drogas farmacologicamente ativas. Diz o Dr. Arthur R. Shapiro, "Os placebos podem exercer profundos efeitos sobre males orgânicos, inclusive no caso de processos malignos inoperáveis". GLOBO DOMINGO, página 3

Teórico do PCF contesta teses de Marx e Lenin

Atualmente do Partido Comunista Francês há 33 anos, o historiador Jean Eliasson conseguiu soltar a violência com a publicação recente de sua "Carta aberta aos franceses", livro no qual ele contesta essas poucas vezes citadas de Marx e Lenin, como as da ditadura do proletariado e a da classe operária como agente única do socialismo. Para Eliasson, na URSS hoje há uma "burocracia privilegiada". Os páginas 46

Presidente da Petrobrás fala de suas metas

O Presidente da Petrobrás, General Araken de Oliveira, em entrevista exclusiva ao GLOBO, declarou que em 25 anos de atividade a empresa atingirá suas principais metas e que a auto-suficiência em produção de petróleo poderá ser obtida. Para isso, a empresa intensifica sua esforço próprio e mesmo tempo que desenvolve os contratos de risco. "A Petrobrás é mundialmente conhecida e respeitada, colocando-se na 4ª posição entre as empresas industriais das Américas Unidas" — afirmou. (Página 25)

URSS limita ajuda militar a Moçambique

A União Soviética começa a retirar tropas em Moçambique. Militares moçambicanos se mudam, polímeros, da quantidade e qualidade das armas enviadas por Moscou. O-municações que os soviéticos decidiram limitar sua ajuda, apesar de o Governo de Maputo dela necessitar para enfrentar a Rodésia, porque as guerrilhas rodésias instaladas no país são armadas pela África. E mais uma vez prevalece o conflito ideológico. (Página 43)

O GLOBO salvo-conduto no cangaço

Não fosse esta foto, em que Lampião está com um exemplar do GLOBO, talvez Luciano Vital não estivesse vivo. Para viajar pela área dominada pelo temível chefe cangaço era preciso um salvo-conduto: uma foto sua. Luciano, viajante comercial, compra esta — de autor desconhecido e feita por volta de 1933 — de um Prêmiado, por um conto de réis. Lampião gostava de saber o que os jornais diziam sobre ele. Quase analfabeto, assistia que cangaços letrados lhe lessem as notícias. E, como diz um ditado, só respeitava "muldo, dentista, padre, cantador e folegrado". (Página 6)

ESTA EDIÇÃO

1.º caderno — 11 páginas

2.º caderno — 12 páginas

3.º caderno — 13 páginas

4.º caderno — 14 páginas

5.º caderno — 15 páginas

6.º caderno — 16 páginas

7.º caderno — 17 páginas

8.º caderno — 18 páginas

9.º caderno — 19 páginas

10.º caderno — 20 páginas

11.º caderno — 21 páginas

12.º caderno — 22 páginas

13.º caderno — 23 páginas

14.º caderno — 24 páginas

15.º caderno — 25 páginas

16.º caderno — 26 páginas

17.º caderno — 27 páginas

18.º caderno — 28 páginas

19.º caderno — 29 páginas

20.º caderno — 30 páginas

21.º caderno — 31 páginas

22.º caderno — 32 páginas

23.º caderno — 33 páginas

24.º caderno — 34 páginas

25.º caderno — 35 páginas

26.º caderno — 36 páginas

27.º caderno — 37 páginas

28.º caderno — 38 páginas

29.º caderno — 39 páginas

30.º caderno — 40 páginas

31.º caderno — 41 páginas

32.º caderno — 42 páginas

33.º caderno — 43 páginas

34.º caderno — 44 páginas

35.º caderno — 45 páginas

36.º caderno — 46 páginas

37.º caderno — 47 páginas

38.º caderno — 48 páginas

39.º caderno — 49 páginas

40.º caderno — 50 páginas

41.º caderno — 51 páginas

42.º caderno — 52 páginas

43.º caderno — 53 páginas

44.º caderno — 54 páginas

45.º caderno — 55 páginas

46.º caderno — 56 páginas

47.º caderno — 57 páginas

48.º caderno — 58 páginas

49.º caderno — 59 páginas

50.º caderno — 60 páginas

51.º caderno — 61 páginas

52.º caderno — 62 páginas

53.º caderno — 63 páginas

54.º caderno — 64 páginas

55.º caderno — 65 páginas

56.º caderno — 66 páginas

57.º caderno — 67 páginas

58.º caderno — 68 páginas

59.º caderno — 69 páginas

60.º caderno — 70 páginas

61.º caderno — 71 páginas

62.º caderno — 72 páginas

63.º caderno — 73 páginas

64.º caderno — 74 páginas

65.º caderno — 75 páginas

66.º caderno — 76 páginas

67.º caderno — 77 páginas

68.º caderno — 78 páginas

69.º caderno — 79 páginas

70.º caderno — 80 páginas

71.º caderno — 81 páginas

72.º caderno — 82 páginas

73.º caderno — 83 páginas

74.º caderno — 84 páginas

75.º caderno — 85 páginas

76.º caderno — 86 páginas

77.º caderno — 87 páginas

78.º caderno — 88 páginas

79.º caderno — 89 páginas

80.º caderno — 90 páginas

81.º caderno — 91 páginas

82.º caderno — 92 páginas

83.º caderno — 93 páginas

84.º caderno — 94 páginas

85.º caderno — 95 páginas

86.º caderno — 96 páginas

87.º caderno — 97 páginas

88.º caderno — 98 páginas

89.º caderno — 99 páginas

90.º caderno — 100 páginas

A volta de Lysenko ou do stalinismo

Yusif D. Lysenko, o biólogo de Stalin, está de volta. Há, obviamente, teorias que tentam a ser apresentadas como "conquistas intelectuais do socialismo", segundo informações procedentes de Moscou. Como cientificamente as teorias de Lysenko estão ultrapassadas, observadores políticos acreditam que o destaque que elas vêm recebendo por parte das autoridades soviéticas só pode ter uma razão de ordem política. Ou seja, seria apenas o retorno de um amplo movimento de grupo que perdeu o poder com a ascensão de Khrushchev, em 1954. O "lenschenismo" seria assim o "brejo biológico" de uma nova era stalinista. (Página 64)

Prova do Madureza já tem gabaritos

O GLOBO publica hoje os gabaritos da prova de Língua Portuguesa do Madureza de 1977, resultado obtido por milhares de candidatos e que contou com uma avaliação e redação cuidadosa. (Página 12)

Contas de telefone: questão é conferir

As contas de telefone conferidas com as contas de telefone de 1977, a conferência das contas telefônicas é uma tarefa árdua, pois a conta de telefone, que atualmente é dada por telefone, não é dada por telefone. (Página 22)

Brasil se dispõe a ceder em Itaipu

O Brasil já se dispôs a ceder em Itaipu, o Brasil já se dispôs a ceder em Itaipu, o Brasil já se dispôs a ceder em Itaipu. (Página 31)

Na fotografia, Lampião aparece em evidência, com suas vestes características, adornos e chapéu, sem que as armas ganhem destaque. Isso indica que a intenção, no momento do registro, não era apresentar a imagem de um homem violento. O jornal em sua mão aparece cortado, não exibido em sua totalidade. Acima da fotografia, lê-se a legenda: *O Globo, salvo-conduto no cangaço*. Ela reforça o valor simbólico do jornal, enfatiza a importância que o veículo possuía para Lampião. Nesse contexto, a fotografia transcende sua função de documento histórico e passa a ser uma ferramenta de reforço narrativo. Ou seja, o foco não é o que ela pode indicar sobre o período em que foi produzida, ela é usada para fins comerciais, com o intuito de reforçar positivamente a imagem do jornal.

Abaixo da imagem, há um texto. Segundo a matéria, na década de 1930, para alguém viajar com segurança pelas regiões dominadas pelo cangaceiro e seu grupo, era necessário possuir um salvo-conduto (espécie de autorização). Nesse caso, uma foto de Lampião. Por esse motivo, o viajante comercial Taciano Vital comprou uma fotografia do cangaceiro, pelo valor de um conto de réis (quantia significativa na época). Observa-se ainda a omissão de algumas informações relacionadas à origem das fotografias, tais como a autoria.

Em 1936, o jornalista Edmar Morel ofereceu ao empresário Roberto Marinho uma série de fotografias de Lampião. As imagens pertenciam a Adhemar Albuquerque, antigo anunciante do jornal *O Globo* e dono da empresa cearense *ABA Film*, fundada em 1934. Na carta enviada a Marinho, Morel afirmava que as fotos haviam sido tiradas por Benjamin Abrahão. Apesar do caráter inédito do material e do alerta sobre o interesse de outros veículos, a venda não foi concretizada. As imagens acabaram sendo publicadas pelo *Diário de Pernambuco* (Flashes do Sertão, 2022). Enquanto isso, a imagem na qual Lampião aparece segurando um exemplar de *O Globo* foi publicada pelo jornal carioca décadas depois, em 18 de dezembro de 1977.

Benjamin Abrahão instalou-se no Recife em 1915 e em Juazeiro no início dos anos 1920, onde tornou-se secretário particular do Padre Cícero. Em 1926, organizou a vinda de Lampião e seu Estado-Maior a Juazeiro do Norte, ocasião em que encomendou o trabalho fotográfico de Lauro Cabral. Em 1934, associou-se à Ademar Albuquerque, proprietário da *ABA Films*, empresa de divulgação fotográfica sediada em Fortaleza e representante da firma alemã *Zeiss* que ofereceu apoio financeiro ao empreendimento de Abrahão. Em 1936 ele conseguiu entrar em contato direto com Lampião e ao final do mesmo ano entregou à *ABA Films* cerca de quinhentos metros de filmes para revelação (Clemente, 2017, p. 15-16). Em abril de 1937 já havia mais de mil metros de material processado.

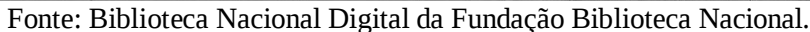
A saga de Abrahão para registrar a imagem de Lampião durou dez anos. A primeira tentativa foi em 1926, quando o cangaceiro viajou à cidade de Juazeiro do Norte. A ideia foi

retomada em 1934, após a morte do Padre Cícero e em 1936, utilizando os equipamentos da *ABA Films*, quando o projeto foi concluído (Pernambucano de Mello, 2011). Segundo Clemente (2007, p.16), a intensa exposição de parte desse material na imprensa nacional provocou uma reação do governo de Getúlio Vargas, durante a vigência do Estado Novo. Lourival Fontes, diretor do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), ordenou a apreensão de todo o material produzido nas filmagens. Abrahão morreu em 9 de maio de 1938, assassinado em uma cidade do interior de Pernambuco.

Em continuidade, o texto no jornal denomina Lampião como “temível chefe”, reforçando sua imagem de perigo e autoridade do cangaço. Além disso, menciona que, embora fosse quase analfabeto, ele se interessava pelo que os jornais publicavam sobre ele, mandando seus cangaceiros letrados lerem as notícias. Esse aspecto é relevante, pois procura evidenciar sua posição de subalternidade intelectual, sugerindo uma limitação em sua formação educacional. Por fim, o texto ressalta que Lampião respeitava apenas quatro tipos de pessoas: médicos, dentistas, padres cantadores (religiosos que também cantavam, como violeiros) e fotógrafos. Logo, evidencia o seu desprezo pelas demais.

Comumente informações sobre Lampião eram divulgadas. Nos jornais, era natural aparecerem notícias sobre a possível localização do cangaceiro e seu bando. Isso era comum em veículos de todo o país, não se restringia aos jornais do nordeste, por onde ele vagava. De acordo com Negreiros (2018, local. 18), eram raros os dias em que Lampião não aparecia nos principais jornais do Brasil, do Rio de Janeiro a Fortaleza. Nas matérias, utilizava-se quase sempre a mesma imagem de ilustração: uma foto de 1926, onde Lampião aparecia utilizando óculos de aros delicados, com lentes em formato de círculos, e um rifle apontado para a câmera. O registro fotográfico foi produzido por Lauro Cabral de Oliveira no Juazeiro do Norte.

Um dos meios de comunicação que se destacava nesse meio era o carioca *A Noite*. Além de escrever sobre o possível paradeiro do cangaceiro e seu bando, destacava as ações empreendidas pelas forças policiais e governamentais para capturá-los e neutralizar suas atividades. A cobertura intensa gerava grande visibilidade ao cangaço, contribuindo tanto para a criação de uma aura de temor em torno de Lampião quanto para a construção de uma narrativa heroica sobre os esforços do Estado em combatê-lo. Logo abaixo é possível observar uma dessas matérias.



O título *Lampião continua na ordem do dia* sugere que ele não era apenas um problema regional, mas um dos principais temas de interesse nacional, equiparado a outros assuntos políticos e sociais relevantes da época. A expressão indica que se tratava de um assunto urgente, que exigia atenção imediata das autoridades e da sociedade. A reportagem apresenta as ações policiais e políticas voltadas para o combate ao seu bando, associando suas atividades a assaltos, mortes e à desordem social. Além disso, ao longo de todo o texto, reitera-se o uso do termo

“bandido” para caracterizar Lampião, além da denominação “facínora”, que o apresenta como um criminoso cruel e perverso.

Para a construção da matéria, foi entrevistado Madureira de Pinho, então Secretário de Polícia e Segurança Pública da Bahia. Em suas declarações, ele relatava o trabalho da polícia e defendia-se de críticas que julgavam o Estado ineficiente no combate ao cangaço. Segundo ele, a principal dificuldade na captura de Lampião era sua constante fuga para a caatinga, descrita como uma região vasta e inabitada, que dificultava a atuação policial. No entanto, sua relação com a elite do período não é citada, nem as problemáticas econômicas e sociais que fizeram emergir o banditismo. Assim, a solução proposta é o extermínio dos cangaceiros como forma de restaurar a estabilidade social.

O *Jornal do Brasil* também produziu matérias sobre Lampião, nas quais o cangaceiro era caracterizado a partir de um repertório compartilhado por outros veículos de comunicação. Em 1930, publicou a matéria intitulada *As façanhas de um bandido*, na qual divulga atos cometidos por Lampião em Sergipe, denominando-o como terrível, delinquente, criminoso, entre outros adjetivos pejorativos. O jornal destaca que vários governos nordestinos já haviam se unido para tentar eliminar o bando e, diferentemente de outros periódicos analisados, denuncia a atuação da elite e dos coronéis, sugerindo que alguns deles apoiavam Lampião como forma de manter-se no poder. Paralelamente, a matéria relata os infortúnios sofridos pela população, incluindo senhoras e senhoritas que ficavam à mercê do cangaceiro. Abaixo, é possível observar o texto.

Figura 11: trecho do *Jornal do Brasil* com matéria sobre Lampião, publicada em 1930.



Fonte: Biblioteca Nacional Digital da Fundação Biblioteca Nacional.

Os três jornais analisados se distinguem em seus enfoques, mas constroem e reverberam imagens complementares de Lampião. Em todos os casos, seu caráter violento é enfatizado: ele é retratado como uma ameaça pública, cujas ações criminosas exigiriam sua eliminação pelo Estado. Termos como “bandido”, “delinquente” e “facínora” são usados para caracterizá-lo, legitimando a repressão oficial ao cangaço e justificando as ações de combate. Ao mesmo tempo, essa representação alimenta o medo na população. Esse processo de constituição da imagem de Lampião e do cangaço é recorrente, servindo como meio de caracterização do próprio Nordeste.

Conforme Albuquerque Júnior (2011, p. 172), as narrativas sobre os cangaceiros, inicialmente, adjetivam-nos de forma extremamente pejorativa (facínora, sicário, bárbaro) e os aproximam da animalidade (fera, bicho, praga). Em seguida, os crimes são enumerados enfatizando sua gratuidade e simultaneidade, atribuindo-lhes um caráter devastador e de calamidade, com destaque para crimes arquetípicos, como assassinatos de idosos, violações de moças, queima de crianças e castrações de homens. Nessas narrativas, o cangaço é destituído de qualquer conteúdo social e descrito como resultado de um “instinto”, movido pelo prazer sádico de matar, violar, incendiar e saquear. Escondem-se os motivos sociais do cangaço, procura-se minar a solidariedade popular e denunciar o apoio dos coronéis à prática. Ao mesmo tempo, os coiteiros passam a ser colocados como tão nocivos quanto os cangaceiros e símbolos de atraso da região.

Assim, percebe-se que a construção da imagem de Lampião pela imprensa carioca não foi apenas um reflexo das ações do cangaceiro, mas também um instrumento de elaboração de narrativas sobre o Nordeste. As representações veiculadas, ainda que diversas em seus enfoques, convergiam para reforçar estereótipos de violência, atraso e barbárie, ocultando as raízes sociais, econômicas e políticas do fenômeno do cangaço. Ao privilegiar adjetivações pejorativas e excluir as condições que permitiram o surgimento de figuras como Lampião, os jornais contribuíram para naturalizar a violência estatal e para consolidar uma visão depreciativa da região e de seus habitantes. Por isso, a análise crítica desse processo evidencia não apenas o papel ativo da imprensa na formação de representações sobre o cangaço e a região nordestina, mas discursos hegemônicos que moldaram a história do país.

3.2 A vida de Maria Bonita nos periódicos cariocas

Maria Bonita tornou-se um dos maiores nomes do cangaço, símbolo de força e resistência no sertão nordestino. No entanto, durante sua vida, não recebeu o mesmo destaque

Figura 12: matéria sobre Lampião no jornal *A Noite*, publicada em 1936.



Como é possível observar acima, o título da matéria chama atenção para Lampião e os crimes que lhe são atribuídos, reforçando sua imagem de bandido perigoso e temido. No corpo da notícia é mencionada a composição de seu bando, que incluía treze homens, três mulheres e alguns animais. No entanto, os nomes dos integrantes não são revelados, e não há qualquer aprofundamento sobre a presença ou o papel das mulheres no grupo. Elas surgem apenas como figuras secundárias, diluídas na coletividade do cangaço. Sem nomes, características e fotografias, os textos iam contribuindo para o apagamento de suas histórias.

O silenciamento midiático criou as condições para que Maria passasse a ser representada de acordo com as percepções daqueles que escreviam sobre ela. Para Claudino (2017, p. 20), Maria Bonita nunca concedeu entrevistas, não foi ouvida por jornalistas, nem deixou registros escritos. Esse silêncio acabou se tornando um terreno fértil para que memorialistas, jornalistas e cordelistas construíssem, a partir de suas próprias perspectivas e interesses, uma imagem idealizada da cangaceira. Essa representação reforçou modelos tradicionais de feminilidade e concepções românticas das relações entre homens e mulheres. Assim, forjou-se um romance para o cangaço, uma narrativa centrada em uma mulher moldada como alguém capaz de grandes sacrifícios por amor, e em um homem que, segundo algumas narrativas, teria sido encantado por uma beleza rara, a ponto de abrir as portas do cangaço para ela.

No entanto, como aponta Adriana Negreiros (2018, local. 10), Maria Bonita, assim como outras mulheres que integravam o cangaço, possuía uma trajetória própria, marcada por escolhas, rupturas e enfrentamentos. Essas mulheres tinham histórias singulares, desejos e motivações que extrapolavam os limites das narrativas jornalísticas. Embora muitas delas fossem submetidas a violências recorrentes na esfera doméstica e privada, tanto antes de ingressarem no cangaço quanto durante sua permanência nos bandos, essas experiências não anulam o caráter transgressor de suas presenças naquele espaço historicamente masculino. Ao desafiar normas sociais, morais e familiares, elas romperam com os padrões impostos às mulheres sertanejas de sua época e se submeteram a uma trajetória de resistência.

No contexto da vida de Maria Bonita, o jornal *A Noite* foi um dos periódicos que pouco noticiou sobre sua figura, refletindo uma tendência mais ampla da imprensa da época, que priorizava Lampião e suas ações no cangaço. Durante sua vida, as referências a Maria Bonita eram escassas e quase sempre atreladas à figura do companheiro. Foi apenas após a morte do casal, em 1938, que ela passou a receber maior atenção do jornal. Nesse cenário, marcado pela comoção pública e pelo sensacionalismo, diversas matérias foram produzidas sobre o episódio

da chacina em Angicos, e é nesse espaço póstumo que Maria Bonita conquista maior notoriedade, como é possível ver abaixo.

Figura 13: Foto de Maria Bonita no jornal *A Noite*, publicada em 1938.



Fonte: Biblioteca Nacional Digital da Fundação Biblioteca Nacional.

Na imagem acima, observa-se uma matéria publicada logo após a morte de Lampião. O título *O degolamento de Lampeão* evidencia o foco central da reportagem: o cangaceiro. Os textos que acompanham a matéria o retratam como o “terror do Nordeste”, reforçando a construção de sua imagem como figura temida e violenta. Além disso, apresentam fatos

relacionados à possíveis vítimas dele, que visavam alimentar a curiosidade do público. A narrativa jornalística, nesse contexto, não apenas informa, mas também contribui para a mitificação do sujeito.

Logo abaixo do título da matéria, aparece uma fotografia de Maria Bonita ainda em vida, acompanhada da legenda: “Maria Bonita, a amante de Lampião, que foi também degolada pela força que exterminou a sinistra caravana”. Diferentemente de Lampião, que ocupa o centro da reportagem, Maria Bonita é mencionada apenas de forma breve e subordinada. A legenda limita sua identidade ao papel de “amante”, sem qualquer destaque para sua atuação no cangaço ou relevância histórica, reforçando sua posição secundária na narrativa. Ela não é tratada como sujeito histórico, mas como um apêndice de Lampião, servindo apenas para intensificar o tom dramático da matéria. Assim, ao omitir sua trajetória e reduzir sua presença a um complemento da figura masculina, o discurso jornalístico contribui para a perpetuação de estereótipos de gênero e para a invisibilização da participação feminina na história do cangaço.

Michele Perrot (2017, local. 166) demonstra que, tanto no passado quanto no presente, a questão do poder está no cerne das relações entre homens e mulheres. Nesse sentido, a forma como as mulheres são representadas não é neutra: trata-se também de uma questão de poder, pois revela as hierarquias sociais e os valores predominantes de cada época. As representações femininas, portanto, refletem não apenas a posição que as mulheres ocupam na sociedade, mas as preocupações, ideologias e estruturas de dominação que moldam o olhar sobre elas. A ausência de aprofundamento na trajetória de Maria Bonita, na matéria, evidencia essa dinâmica de poder.

A dinâmica jornalística revela que o interesse estava centrado exclusivamente em discutir as ações de Lampião, como se Maria Bonita não exercesse um papel de destaque dentro do cangaço. Essa perspectiva é reforçada por publicações do *Jornal do Brasil*, que contribuem para a construção simbólica em torno das figuras do cangaço. Após a morte de Lampião, o jornalista e político Nelson de Sousa Carneiro publicou um texto no periódico, no qual critica a forma como se deu a ação que resultou na execução do cangaceiro e seu bando. Em meio à sua análise, há uma menção a Maria Bonita, que chama atenção por evidenciar um processo de idealização em torno de sua figura.

Figura 14: matéria sobre a morte de Lampião e seu bando no *Jornal do Brasil* (1938).



Fonte: Biblioteca Nacional Digital da Fundação Biblioteca Nacional.

De início, o autor estabelece sua crítica vinculando a morte de Lampião aos problemas sociais enfrentados no Nordeste, destacando o analfabetismo como um dos fatores que contribuíam para a perpetuação desse contexto de violência e exclusão. Em seguida, volta-se aos militares responsáveis pela morte de Lampião e de seu bando, questionando a brutalidade com que a ação foi conduzida. Ao longo do texto, Lampião é retratado como um bandido cruel e temido, alinhando-se ao imaginário já construído sobre Virgulino.

Nesse trecho, ele lamenta que nem mesmo Maria Bonita tenha escapado da violência da ação policial, descrevendo-a “como uma mulher como tantas”, que acompanhava o amante com dedicação. Essa caracterização desloca Maria Bonita do universo violento do cangaço, aproximando-a de uma imagem feminina tradicional, marcada pela devoção e passividade. Ao argumentar que ela figurava, morta, junto aos demais, como se fosse um ser diferente dos homens com quem convivia, o autor reforça a ideia de que sua morte teria sido uma espécie de injustiça, dada sua suposta diferença em relação ao companheiro. Tal representação revela tanto a idealização de Maria Bonita quanto os limites impostos à figura feminina no discurso da época, reafirmando papéis de gênero mesmo em contextos de transgressão como o do cangaço.

A representação de Maria Bonita, como vista no texto de Nelson Carneiro, dialoga diretamente com a visão tradicionalista do sertão. Nessa perspectiva, conforme Durval Muniz de Albuquerque Júnior (1999, local. 272), o sertão é enaltecido como espaço de autenticidade nacional, onde homens são vistos como valentes e provedores, e mulheres, como figuras de honra, submissas e dedicadas à família. Essa concepção está profundamente ancorada em uma

lógica que associa a mulher ao espaço doméstico e à passividade, enquanto o homem ocupa o lugar da autoridade e da ação. A forma como Maria Bonita é apresentada é fruto desse viés.

Apesar de ser uma mulher inserida no cangaço, é retratada a partir de valores tradicionais de feminilidade. Tal construção ignora sua atuação política e ativa dentro do bando, reduzindo-a à função de companheira amorosa e, portanto, digna de piedade ao ser morta. Paralelamente, o mesmo sertão que é exaltado como reduto de valores puros também é descrito como espaço de dominação brutal, inclusive sobre os corpos femininos. Essa contradição revela como o elogio à “mulher de honra” convive com práticas de opressão e violência sistemática, reforçando um modelo de mulher que silencia outras formas de existência feminina, como a da própria Maria Bonita.

Luciana Alves Costa (2021, p.94) propõe, por meio da análise das fotografias de Maria Bonita, que ela buscava construir uma imagem marcada pela valentia, distanciando-se dos estereótipos de docilidade atribuídos às mulheres de sua época. Em registros visuais, ela aparece armada, com cartucheira de ombro atravessada no tórax e demais objetos típicos do cangaço, como o bernal casado em modelo xis sobre xis, chapéu de feltro com testeira e barbelada adornada com ilhoses, além de correntes com pingentes em forma de medalhões. Assim, seus trajes revelam uma possível escolha, deliberada, para afirmar sua força e coragem. Logo, quando os jornais retratavam Maria Bonita apenas pelo prisma da feminilidade, reduziam a subjetividade e complexidade de sua atuação no cangaço.

Figura 15: matéria sobre Maria Bonita no jornal *O Globo*, publicada em 1938.



Fonte: acervo digital do jornal *O Globo*.

A primeira matéria disposta no jornal, mais uma vez, é sobre Lampião. Mais abaixo há uma sobre Maria Bonita, sob o título “Maria Bonita parecia feita de louça”. Ele carrega uma carga simbólica significativa ao associar a imagem da cangaceira a um objeto delicado, frágil e ornamental. A ideia de “louça” traz a noção de uma mulher bela, passiva e moldada para a contemplação, em contraste com sua atuação no cangaço como mulher armada e combativa. Ao optar por essa representação, o periódico esvazia a complexidade de sua identidade, marcada pela ocupação de espaços e atividades predominantemente masculinos.

Portanto, o exame das representações de Maria Bonita nos jornais *A Noite*, *Jornal do Brasil* e *O Globo* revela o papel da imprensa carioca na construção simbólica de sua imagem pública. Inicialmente invisibilizada, a cangaceira surgia nos periódicos apenas como figura secundária, sempre vinculada à imagem de Lampião. Em *A Noite*, por exemplo, seu nome

sequer aparece nas primeiras coberturas, sendo tratada como uma entre tantas mulheres do bando. Esse silenciamento contribuiu para a construção de uma narrativa no qual Maria Bonita não era agente de sua própria história, apenas coadjuvante da trajetória de Lampião.

Com o tempo, especialmente após sua morte, os jornais passaram a dedicar mais atenção a Maria Bonita, embora ainda reproduzissem representações pautadas em estereótipos de gênero. O *Jornal do Brasil* introduziu uma imagem idealizada da cangaceira, marcada pela devoção amorosa, suavizando seu papel no cangaço e a dissociando da violência que caracterizava aquele universo. Já *O Globo*, reforçou a estética da fragilidade feminina, esvaziando suas ações.

Em concomitância, em todos os casos, nota-se o esforço de enquadrar Maria Bonita dentro de modelos de feminilidade tradicionais, mesmo quando a realidade de sua trajetória rompia com tais padrões. Assim, os três jornais atuaram não apenas como veículos de informação, mas como produtores de sentidos, moldando a imagem de Maria Bonita a partir das visões de mundo de quem escrevia sobre ela. Por fim, ao desconsiderarem sua complexidade histórica e sua atuação ativa no cangaço, colaboraram para construção de uma representação estereotipada da cangaceira.

3.3 A morte de Lampião e Maria Bonita nos periódicos cariocas

Em uma quinta-feira, 28 de julho de 1938, o cangaceiro mais temido e procurado do país foi morto em uma emboscada armada pelas forças volantes do Estado brasileiro. Na gruta de Angico, em Sergipe, às margens do rio São Francisco, Lampião, sua companheira Maria Bonita e mais nove integrantes do bando foram surpreendidos, executados e decapitados por soldados comandados pelo tenente João Bezerra, da Polícia Militar de Alagoas. As cabeças dos cangaceiros foram exibidas em praça pública por várias cidades do Nordeste, transformando o fim trágico do bando em espetáculo.

Nos dias seguintes, os jornais, incluindo os do Rio de Janeiro, destacaram amplamente o episódio, tratando-o como símbolo da vitória do Estado sobre o cangaço. As reportagens não apenas celebraram a ação policial, mas também buscaram validá-la moral e politicamente diante da opinião pública, enquadrando os mortos como criminosos perigosos e exaltando a atuação da força repressiva (Vitória, 2022). Neste contexto, as representações de Lampião e Maria Bonita nos periódicos revelam estratégias narrativas que buscaram construir determinados sentidos sobre a execução do bando, contribuindo para reforçar estereótipos e validar a violência investida. O jornal *A Noite* é um representante desse processo.

Figura 16: matéria sobre a morte de Lampião no jornal A Noite (1938).

ANO XXVIII Rio de Janeiro, — Sexta-feira, 29 de Julho de 1938 N. 8.504

Edição das 11 horas

REDAÇÃO: PRAÇA MAUA, 7 — TELEFONES: Mesa de ligações: Internos: 23-1910. Seção de informações: 23-1556. Carica-reporter: 23-4090

LAMPEÃO FOI DEGOLADO!

A AMANTE DO TERROR DO NORDESTE E MAIS NOVE BANDIDOS EXTERMINADOS DO MESMO MODO

Ferido o tenente Bezerra, que comandou a coluna volante autora do feito. Morto um dos soldados. Os principais cangaceiros eliminados. Expostas em Piranhas as cabeças dos facinoras, que vão ser removidas para Maceió. Confirmado oficialmente o mais sensacional furo jornalístico dos últimos tempos, estampado na edição extra de A NOITE de ontem. Como o comandante do 2º Batalhão da Força Pública de Alagoas, aquartelado em Santana do Ipanema, relata ao interventor o episódio verificado na fazenda Angicos





A COMUNICAÇÃO OFICIAL
MACEIO, 28 A'S 21.30 (SERVICO ESPECIAL DE "A NOITE") — O INTERVENTOR FEDERAL NO ESTADO ACABA DE RECEBER DO CORONEL LUCENA, COMANDANTE DO 2º BATALHÃO, AQUARTELADO EM SANTANNA DO IPANEMA, O SEGUINTE DESPACHO TELEGRAFICO:

"ACABAM DE CHEGAR AQUI O TENENTE JOAO BEZERRA, O ASPIRANTE FERREIRA HELLO E O SARGENTO ANICETO COM AS CABECAS DE "LAMPEAO", MARIA BONITA, ANGELO ROQUE, LUIZ PEDRO E MAIS SETE CABECAS DOS BANDIDOS. TODOS ONZE MORTOS NO COMBATE DA FAZENDA DE ANGICOS, EM SERGIPE. MORREU O SOLDADO VOLANTE FERREIRA E OUTRO FICOU FERIDO. O TENENTE BEZERRA TAMBEM ESTA FERIDO LEVEMENTE. ESTOU PROVIDENCIANDO A REMOÇÃO DAS CABECAS DOS BANDIDOS PARA ESSA CIDADE. ABRACOS".

O CERCO
Alagoas, 28, às 18 horas — (Serviço especial de A NOITE) — As forças da Polícia de Alagoas, comandadas pelo tenente Bezerra e pelo aspirante Ferreira, cercaram hoje a colina de Lampião, nas proximidades da fazenda Angicos, no Estado de Sergipe, resultando na morte de onze cangaceiros e na captura de dois outros.



Alagoas, 28, às 18 horas e 15 minutos — (Serviço especial de A NOITE) — Uma força alagoana, comandada pelo tenente Bezerra, chegou hoje a Alagoas, trazendo consigo as cabeças dos onze cangaceiros mortos no combate de Angicos, em Sergipe. Entre os mortos estão: Lampião, Maria Bonita, Angelo Roque, Luiz Pedro e sete outros. Os corpos dos mortos foram deixados na fazenda de Angicos, onde foram encontrados pelos policiais.

Alagoas, 28, às 18 horas e 15 minutos — (Outros telegramas na terceira página)

MUTILADA

Fonte: Biblioteca Nacional Digital da Fundação Biblioteca Nacional.

A manchete “Lampião foi degolado!” seguida do subtítulo “A amante do terror do Nordeste e mais nove bandidos exterminados da mesma forma”, na capa do jornal, revela uma construção textual que ultrapassa a mera transmissão dos fatos. A escolha das palavras, especialmente ao se referir a Maria Bonita apenas como “a amante”, reduz sua figura a um papel secundário, apagando sua relevância no movimento do cangaço. Além de reforçar uma perspectiva patriarcal, o jornal reforça a imagem dos mortos como inimigos públicos cuja eliminação era necessária e aguardada.

Essa abordagem midiática transforma o episódio em espetáculo, desumanizando os envolvidos para legitimar o extermínio. Nesse contexto, a representação midiática de Lampião,

também colabora para cristalizar sua imagem apenas como inimigo da ordem, apagando as complexidades que envolvem sua trajetória. Ao ser tratado apenas como “o terror do Nordeste”, o jornal desconsidera os fatores sociais, econômicos e políticos que motivaram o surgimento do cangaço e a adesão dos sujeitos ao movimento. Essa simplificação impede a compreensão crítica dos conflitos sociais do período e reforça uma visão, sobre segurança pública e justiça, que ainda ecoa em discursos contemporâneos.

Não obstante, as fotografias também reforçam a perspectiva construída pelo jornal. São utilizadas cinco imagens: uma de Lampião, algumas de integrantes do seu bando, um mapa do local onde foram mortos, uma fotografia do seu reconhecimento de firma, uma do tenente responsável por sua decapitação e outra de uma das vítimas do cangaceiro. Nesta última, observa-se que a mulher tem a bochecha marcada por ferro quente, e ao lado da imagem estão trechos do seu relato sobre a agressão sofrida. A violência física evidente na fotografia é usada para influenciar emocionalmente os leitores. Ao enfatizar a crueldade do cangaceiro por meio do corpo ferido da vítima, a mídia não apenas reforça a narrativa do bandido violento, mas também busca legitimar a execução sumária como resposta justa aos seus atos.

Conforme Renata Menezes (2021), o papel das polícias é de investigação criminal, não é sua função julgar e determinar a pena caso o/a suspeito/a seja considerado/a culpado/a. À mídia cabe a divulgação dos processos sem fazer juízo de valor. Porém, os periódicos cariocas festejaram as mortes com entusiasmo, reforçando uma narrativa em que a força estatal era vista como heroica e legítima. Nesse sentido, os jornais atuaram não apenas como veículos de informação, mas como legitimadores da violência e da execução, anulando a figura dos suspeitos e consagrando a pena de morte. O jornal *O Globo* também exerceu um papel importante nesse processo, como é possível ver abaixo.

**«O GLOBO» INICIA O SEU 14.º ANNO DE EXISTENCIA
COM A CERTEZA DE JAMAIS HAVER TRAI DO
OS SUPREMOS ANSEIOS DA NACIONALIDADE**

EDIÇÃO
DAS
11 HORAS



Column Modification

co. Não fazemos desdobramento para esse fim, embora da perspectiva de futura mudança que temos e de fatos no momento que a situação demonstra que há uma mudança iminente, não nos dá a oportunidade de tirarmos de que ponto. Também não se pode, porque é a mesma situação de desequilíbrio.

LIVRE O NORDESTE

"Lampeão" morreu lutando, e sua cabeça, com a de 8 companheiros, foi conduzida para Mossi

A FAÇANHA DO TENENTE BEZERRA — TRAÇOS BIOGRAPHICOS
DO TERRIVEL FACINORA



Dois pares de "Lamprol", voador-se soma della, seu irmão Antônio Pereira e um grupo de bandidos que serviam de ordem do chefe cangaço.

CASEM-SE
ou serão demitidos!...

ROMA, 29 (A. P.). — Um decreto do governo estabelece que nenhum cidadão solteiro ou viúvo sem filhos poderá ocupar a posto do prefeito de qualquer cidade, ou mesmo desempenhar certos cargos de destaque nas comunidades. Os que estiverem em tais casos ou regularizam a situação ou serão demitidos dentro de 60 dias.

Leandro Cavalieri
Lado de e o poder econômico q
passava a estar nas mãos de uma
classe predominantemente militar.
O problema não estava no confisco
da metade do patrimônio da família
de Cícero, mas no tempo das eleições
de 1964. A família não poderia de
sistir por mais tempo no poder. O
novo governo da polícia alagoana
no lugar denominado Anguera, no
lido de Sergipe, sendo morto um
dos filhos de Cícero, o filho mais
moço, que acompanhava e se en-
volvia na luta, segundo as notícias
repassadas, tendo a família recu-
sado, não desistindo, porém, de
fazer o que queria, que era de-
clarar o filho como morto e se-
questrado a uma semana do mo-
mento.

O GLOBO

ANNO XIV — N. 3752 **FUNDAÇÃO DE IRINEU MARINHO** Sexta-feira, 29 de julho de 1938

Director-thesourier — HERRERT MOSES Director-Redactor-Chefe — ROBERTO MARINHO Director-gerente — A. LEAL DA COSTA



Guilherme Neves no estúdio de Rádio Club de Brasília, pouco antes do lançamento do memorável concerto dedicado ao GLOBO. A esquerda: artistas da trupe, nesse momento, em Espago. Oba! Irmão Marinho, de meio diretor-redator chefe, do diretor-geral Osvaldo Grandi, comissário e de alguns dos nossos companheiros de redação. À esquerda, o chefe em exercício, o jornalista José de Fátima, quando ainda, em 1960.

A ARTE DE GUIOMAR NOVAES NUMA HOMENAGEM AO «GLOBO»

Memorável acontecimento artístico o concerto da gloriosa pianista, celebrando o nosso 13º aniversário

[illegible]

**Os votos do presi-
dente do Supremo
Tribunal Federal**

Um telegramma do ministro Bento de Faria ao GLOBO

Marcelino do ministro Bento de Faria, presidente do Supremo Tribunal Federal, a seguinte telegraphica:

"Aos prestados collegaes que tão tribunemente atende o GLOBO, minhas congratulações por sua attenção e interesse no assumpto e desejo pela continuidade prospera da sua vida de trabalho. — (a) Bento de Faria, presidente do Supremo Tribunal Federal."

Operações de Fabrica Klabin e irmãos, fabrica de reparação do CLORO
No mesmo local onde foi destruído o Sítio "Terra de Carvalhos"

Parece ter cúmplices o bandido do dente de ouro

Um João Baptista de Souza que não é o monstro
— Foi á Policia protestar... — Diligencias pela
— madrugada —

Não é o procurado

Fonte: acervo digital do jornal *O Globo*.

A matéria do jornal *O Globo*, intitulada “Livre o Nordeste do seu maior inimigo”, já no título revela uma narrativa que posiciona Lampião como uma ameaça coletiva, cuja eliminação representa uma libertação regional. O subtítulo, “Lampião morreu lutando, e sua cabeça, com a de 9 companheiros, foi conduzida para Maceió”, reforça a brutalidade do episódio e naturaliza a decapitação como símbolo de vitória da ação policial. A ação violenta é, assim, transformada em troféu e reafirma a narrativa da ordem sendo restaurada por meio da força. Chama atenção o fato de os outros integrantes do bando não terem sequer seus nomes mencionados, incluindo

Maria Bonita. Essa omissão revela uma narrativa centrada exclusivamente na figura do líder do bando e contribui para o apagamento dos demais.

O destaque dado à “façanha do tenente Bezerra” e “traços biográficos do terrível fascinora”, complementa esse enquadramento ao atribuir heroísmo ao agente do Estado e demonização ao cangaceiro. Isso é reforçado pela escolha do termo “fascinora”, associado à crueldade e perversidade, para caracterizar Lampião. Nas fotografias dispostas, a ausência de Maria Bonita reforça a invisibilização das mulheres no cangaço e contribui para uma narrativa centrada no confronto masculino. No entanto, é importante ressaltar que a atuação no cangaço não foi exclusivamente masculina. Além de Maria Bonita, outras mulheres tiveram papel relevante, especialmente após sua morte, como é o caso de Dadá, companheira de Corisco.

De acordo com Luciana Alves Costa (2021, p.98-99), após a morte de Lampião, o governo de Getúlio Vargas manteve-se cada vez mais interessado em extinguir o cangaço e apagar seus rastros. Por isso, concedeu indulto de liberdade aos(às) cangaceiros(as) que abandonassem o movimento. O acordo previa que os cangaceiros teriam suas vidas poupadas, mas a negociação era problemática porque nem sempre os chefes políticos e a polícia local seguiam as orientações do Governo. Assim, alguns cangaceiros foram mortos. Alguns grupos renderam-se, o que não foi o caso do grupo de Corisco. Ele, ao lado da cangaceira e esposa, Dadá, prosseguiu com o cangaço. No período, Corisco teve o braço esquerdo atingido por um projétil de munição, legando à companheira o comando e a segurança do grupo. Dadá tinha muita autoridade sobre os homens, que lhe obedeciam. Inclusive, Corisco pensava em se entregar para volante, mas ela proibia, alegando que não era atitude homem.

Em síntese, o texto e as imagens constroem uma representação que busca não apenas informar, mas moldar a opinião pública a favor da eliminação dos cangaceiros como solução para os seus crimes. Ao mesmo tempo, ao ignorar sujeitos como Maria Bonita, o discurso jornalístico perpetua uma visão parcial da história, apagando a complexidade e a pluralidade das vivências no sertão, bem como as múltiplas questões que deram origem ao cangaço. O *Jornal do Brasil*, do mesmo modo que os anteriores, também atuou nesse sentido, como é possível observar a partir da imagem abaixo.



No título, a escolha da palavra “afinal” sugere um desfecho esperado com alívio ou satisfação, como se a morte de Lampião fosse uma questão de tempo e necessidade, enquanto o termo “Rei do Cangaço” sugere que ele era o mais importante entre os demais sujeitos que lideravam grupos de cangaceiros no período. Todo o texto adota postura que visa reforçar a legitimidade do Estado na atuação contra o bando. A morte de Lampião e de seus companheiros é tratada com entusiasmo, vazio de reflexões sobre os motivos sociais e políticos que levaram ao surgimento do cangaço.

Observa-se uma ênfase clara na atuação heroica dos agentes estatais, como o Tenente Bezerra e o aspirante Ferreira, cujos nomes são destacados, em contraposição ao apagamento individual dos demais mortos, reduzidos a “cabras” ou “bandidos”. Esse enquadramento contribui para construir uma narrativa binária entre civilização e barbárie, onde o cangaceiro, especialmente Lampião, é demonizado e retratado como um inimigo público cuja morte deve ser celebrada. A ausência de qualquer menção ao contexto ou à motivação dos envolvidos no cangaço reforça uma visão parcial dos fatos, evidenciando o papel da imprensa como aparato ideológico da elite do período.

A designação de Maria Bonita apenas como “amante”, sem citar seu nome ou papel no grupo, reflete o apagamento histórico das mulheres no movimento e a perpetuação de uma linguagem que reduz a figura feminina à condição de apêndice do homem. A análise de Adriana Negreiros (2018) corrobora esse ponto ao demonstrar que, além da omissão de seu nome, alguns veículos ainda cometiam erros factuais, como considerá-la uma parceira recente de Lampião, ignorando a estabilidade e a relevância de sua presença no bando. Na realidade, Maria Bonita não foi uma figura passiva ao lado de Virgulino; sua entrada no cangaço marcou uma mudança simbólica e prática no movimento, abrindo caminho para outras mulheres e desafiando as normas de gênero da época.

Em contrapartida, a matéria relaciona a impunidade de Lampião à proteção dos “poderosos”, sugerindo uma conivência entre elites locais e o cangaço, como propõe Frederico Pernambucano de Mello (2011). No entanto, essa afirmação é tratada de forma superficial, atribuindo a aliança entre coronéis e cangaceiros ao medo, e não a interesses próprios, como a manutenção do poder local. Assim, o jornal constrói uma narrativa que legitima a ação estatal e absolve as elites rurais de responsabilidades, ao mesmo tempo em que reforça a imagem de Lampião como um símbolo negativo da cultura sertaneja, desconsiderando as complexas relações sociais que permeavam o cangaço.

Observa-se que imprensa carioca atuou como um instrumento ideológico, exaltando os agentes estatais, silenciando os fatores estruturais que alimentaram o banditismo social e contribuindo para o apagamento da atuação de Maria Bonita. Portanto, a cobertura da morte de Lampião e demais integrantes do bando, feita pelos jornais cariocas, revela uma narrativa articulada para legitimar a violência do Estado. Ao mesmo tempo, apaga as complexidades envolvidas no fenômeno do cangaço, reduzindo-o a uma simples expressão de criminalidade e apagando os múltiplos interesses que o mantinha ativo.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do cangaço evidencia que o fenômeno ultrapassa a visão simplista de banditismo rural e revela um movimento oriundo das dinâmicas políticas, sociais e econômicas do país entre os séculos XIX e XX. Lampião, Maria Bonita e outros personagens desse contexto não foram apenas criminosos ou justiceiros do sertão: eram sujeitos moldados por um ambiente de violência estrutural, ausência de políticas públicas, disputas de poder local e relações com coronéis e elites regionais. O cangaço é produto das carências sociais, da injustiça e da opressão, ainda que, frequentemente, reproduzisse vários tipos de violências.

A imagem dos cangaceiros foi apropriada e ressignificada por diferentes setores da sociedade ao longo do tempo. Por esse motivo, o cangaço permanece vivo no imaginário nacional, apesar dos esforços para combatê-lo. Ele não é apenas um capítulo da história do Brasil, mas parte da construção da identidade do sertão nordestino. Nesse contexto, a análise da vida Lampião e Maria Bonita revelam as complexidades que envolvem suas trajetórias. Parte das suas histórias foi preservada justamente pelo fato de Lampião dialogar com a imprensa e buscar construir uma imagem pública, enquanto Maria Bonita desafiou os padrões de gênero da época, divorciando-se e inserindo-se em um espaço predominantemente masculino.

A inserção das mulheres no cangaço, liderada por Maria Bonita, trouxe uma nova dinâmica ao movimento, desafiando as normas de gênero da época. Até 1938, a trajetória de Maria Bonita foi marcada pelo silenciamento na cobertura jornalística da época, refletindo não apenas o apagamento da atuação das mulheres no cangaço, mas também as estruturas de poder que regiam as narrativas midiáticas. Sua imagem, inicialmente ofuscada pela centralidade de Lampião, ganhou destaque apenas após a morte e passou a ser reinterpretada ao longo do tempo.

Em consonância, a cobertura jornalística sobre a morte de Lampião e demais sujeitos do seu bando evidencia o papel ativo da imprensa carioca na construção de uma narrativa legitimadora da violência estatal. Ao exaltar a atuação dos agentes da repressão e apresentar os cangaceiros como inimigos públicos, os periódicos reforçaram uma visão simplista do cangaço, reduzindo os sujeitos envolvidos à condição de criminosos bárbaros, desconsiderando os contextos sociais, econômicos e políticos que contribuíram para o surgimento e as alianças necessárias para a manutenção do movimento. Portanto, os periódicos cariocas atuaram não apenas como veículos de informação, mas como instrumentos ideológicos, favoráveis à ordem dominante.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **A invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 1999.
- ALMEIDA, Ivete Batista da Silva. O Sertão nas artes: o cangaço e a imprensa ilustrada. **Da pesquisa**, Florianópolis, v. 16, p. 01-17, fev. 2021.
- BARROS, José D' Assunção. **Fontes históricas**: introdução aos seus usos historiográficos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.
- CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos avançados**, v. 5, p. 173-191, 1991.
- CLEMENTE, Marcos Edílson de Araújo. Cangaço e cangaceiros: histórias e imagens fotográficas do tempo de Lampião. **Fênix-Revista de História e Estudos Culturais**, v. 4, n. 4, p. 1-18, 2007.
- CLEMENTE, Marcos Araújo. O Cangaço e a representação mística de Lampião (1920-1938). **Ponta de Lança: Revista Eletrônica de História, Memória & Cultura**, v. 12, n. 22, p. 5-23, 2018.
- CLEMENTE, Marcos Edilson Araújo. Lampião e o cangaço: Trajetórias de vida, histórias como flagelo (1920-1938). **Escritas do Tempo**, v. 2, n. 4, p. 108-132, 2020.
- DUTRA, Wescley Rodrigues. **Nas trilhas do rei do cangaço e suas representações (1922-1927)**. 2011. 176 p. Dissertação de Mestrado (Mestrado em História) – Universidade Federal da Paraíba, 2011.
- FERREIRA, Marieta de Moraes. A Noite. **FGV CPDOC**, 1993. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/NOITE,%20A.pdf>. Acesso em: 15 de maio de 2024.
- HOBBSAWN, Eric. **Bandidos**. São Paulo: Paz e Terra, 2015.
- LOVATTO, Angélica. A desmistificação do Cangaço. **Lutas Sociais**, n. 25-26, p. 294-296, 2011.
- LUCA, Tânia Regina de. História do, nos e por meio dos periódicos. In: **Fontes Históricas**. PINSKY, Carla Bassanezi (org.). 2ª. ed. São Paulo: Contexto, 2008.
- MAUAD, Ana Maria. Através da imagem: fotografia e história interfaces. **Tempo**, v. 1, n. 2, p. 73-98, 1996.

MENEZES, Renata. De Lampião a Lázaro: que papel o Jornalismo ocupa nos relatos policiais?. **Mídia Caeté**, 30 de jun. 2021, Artigos. Disponível em: <<https://midiacaeete.com.br/de-lampiao-a-lazaro-que-papel-o-jornalismo-ocupa-nos-relatos-policiais/>>. Acesso em: 10 de maio de 2024.

MELLO, Frederico Pernambucano de. **Guerreiros do Sol: violência e banditismo no Nordeste**. São Paulo: A Girafa, 2011.

MONTALVÃO, Sérgio. O Globo. **FGV CPDOC**, 2015. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/GLOBO,%20O.pdf>. Acesso em: 14 de maio de 2024.

NEGREIROS, Adriana. **Maria Bonita: sexo, violência e mulheres no cangaço**. São Paulo: Objetiva, 2018.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros**. São Paulo: Paz e Terra, 2017.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **História do cangaço**. 5.ed. São Paulo: Global, 1997.

RAMOS, Graciliano. **Cangaços**. Rio de Janeiro: Record, 2014.

ROCHA, Flávio José. A criação do Nordeste e outras reflexões. **Outras palavras: jornalismo de profundidade e pós-Capitalismo**, São Paulo, 15 de jun. 2021, Outro Brasil. Disponível em: <https://outraspalavras.net/outrobrasil/a-criacao-do-nordeste-e-outras-reflexoes/>. Acesso em: 10 de maio de 2024.

ROSADO, Cid Augusto da Escóssia. **Poder, mídia e discurso na canonização do cangaceiro Jararaca**. 2021. 210 p. Tese de doutorado (Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2021.

SANTOS, Francisco W. Moreira. **Narrativas de violência e medo: o cangaço e a imprensa no Ceará (1909-1938)**. 2020. 150 p. 2020. Tese de Doutorado. Dissertação (Mestrado Interdisciplinar em História e Letras) - Universidade Estadual do Ceará, 2020.

SOUSA, Aloe Rosa de; GONZO, Amauri. O cinema do cangaço e a representação da polícia. **Outras palavras: jornalismo de profundidade e pós-Capitalismo**, São Paulo, 3 de mai. 2023. Disponível em: < <https://outraspalavras.net/outrasmidias/o-cinema-do-cangaco-e-a-representacao-da-policia/>>. Acesso em: 5 de out. 2024.

VELASQUEZ, Muza Clara Chaves. O Cruzeiro. **FGV CPDOC**, [2012?]. Disponível em: [https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/CRUZEIRO%20O%20\(DHBB\).pdf](https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/CRUZEIRO%20O%20(DHBB).pdf). Acesso em: 25 de maio de 2024.

VENTURA, Leonardo Carneiro. **A trama dos sons:** a invenção e arquivo sonoro para o Nordeste (1910-1950). Teresina: Cancioneiro, 2021.



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAÇÃO ELETRÔNICA DE
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO NA BASE DE DADOS DA
BIBLIOTECA**

1. Identificação do material bibliográfico:

[☒] Monografia [☐] TCC Artigo

Outro: _____

2. Identificação do Trabalho Científico:

Curso de Graduação: Licenciatura em História

Centro: Campus Senador Helvídeo Nunes de Barros

Autor(a): Kaynan Rodrigues Borges Chaves

E-mail (opcional): _____

Orientador (a): Ronyere Ferreira da Silva

Instituição: UFPI

Membro da banca: Prof. Dr. José Lins Duarte

Instituição: UFPI

Membro da banca: Prof. Me. Júlio Eduardo Soares de Sá Alvarenga

Instituição: UFPI

Membro da banca: _____

Instituição: _____

Titulação obtida: Licenciado em História

Data da defesa: 04/07 / 2025

Título do trabalho: A invenção do cangaço: a construção discursiva de Lampião e Maria bonita através dos periódicos cariocas (1922-1938)

3. Informações de acesso ao documento no formato eletrônico:

Liberação para publicação:

Total: [X]

Parcial: []. Em caso de publicação parcial especifique a(s) parte(s) ou o(s) capítulos(s) a serem publicados: _____

.....

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Considerando a portaria nº 360, de 18 de maio de 2022 que dispõe em seu Art. 1º sobre a conversão do acervo acadêmico das instituições de educação superior - IES, pertencentes ao sistema federal de ensino, para o meio digital, autorizo a Universidade Federal do Piauí - UFPI, a disponibilizar gratuitamente sem ressarcimento dos direitos autorais, o texto integral ou parcial da publicação supracitada, de minha autoria, em meio eletrônico, na base dados da biblioteca, no formato especificado* para fins de leitura, impressão e/ou *download* pela *internet*, a título de divulgação da produção científica gerada pela UFPI a partir desta data.

Local: Picos-PI Data: 10/08/ 2025

Assinatura do(a) autor(a): Kaynom Rodrigues Borges Chaves

* **Texto** (PDF); **imagem** (JPG ou GIF); **som** (WAV, MPEG, MP3); **Vídeo** (AVI, QT).